

MAS É CARNAVAL...

e a alegria triunfa. Depois de quatro anos sob o conservadorismo tacanho do bolsonarismo, o povo volta às ruas para celebrar a mais linda festa popular da América Latina



focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 20 de Fevereiro de 2023 Nº 84

Chico César fala sobre o novo momento do Brasil

A vida de Beth Carvalho vira o documentário 'Andança'

Economia. Posição do BC pode levar país à recessão

Governo Lula relança o programa Minha Casa Minha Vida

Pablo Neruda morreu envenenado pela ditadura de Pinochet

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

https://fpabramo.org.br/publicacoes_estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Máira de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

RECONEXÃO
PERIFÉRIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



focus

BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo
 Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice
 Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor Responsável: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Fernanda Estima, Guto Alves, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento, Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe,

Jorge Bittar, Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho

Ademar, Arthur Chioro dos Reis Fontenele,

Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira

dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa

Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de

Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,

Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco

José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto

Paludo, Lais Abramo, Luiza Borges Dulci,

Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Bonduki,

Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade

Nacif, Penildon Silva Filho, Sandra Maria

Sales Fagundes, Sérgio Nobre, Teresa Helena

Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência

e Tecnologia e Tecnologia da Informação),

Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate

ao Racismo), Juscelino França Lopo

(Comunitário), Márcio Tavares dos Santos

Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos

Humanos), Tatiane Valente (Economia

Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e

Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT),

Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia

(Juventude), Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens

Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas

com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz

(Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres

(Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299

Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234

Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

**CONTRIBUA COM A REVISTA
 REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periférias de fevereiro. O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS

EXPOSIÇÃO

PT 43 anos
 NA LUTA PELA
**DEMOCRACIA
 BRASILEIRA**

ACESSE EM: fpabramo.org.br/pt43anos

REALIZAÇÃO: Centro Sérgio Buarque de Holanda de Documentação e Memória Política

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores



NESTA EDIÇÃO

O CARNAVAL, POPULAR E ALEGRE, VOLTA ÀS RUAS DE TODO O PAÍS

Está aberta a temporada da brincadeira do Rei Momo, com os foliões ganhando novamente as ruas brasileira, depois de quatro anos de desconfiança e sob o tacão do bolsonarismo reacionário. Em todos os cantos do país, a ordem é pular e brincar

EDITORIAL. Nascido da luta contra a ditadura, PT festeja 43 anos de conquistas

ENTREVISTA. Chico César diz que brasileiro volta a sorrir depois da tristeza

OPINIÃO. Zeca Dirceu diz que combate à fome é prioridade para o Brasil

ECONOMIA. Lara Resende alerta para riscos de recessão por alta dos juros

ALERTA. Economistas reforçam críticas ao BC por política monetária

PT. Na festa de 43 anos, Lula se emociona ao lembrar da prisão

FPA. Paulo Okamoto assume presidência da Fundação Perseu Abramo

ARTIGO. Jilmar Tatto fala dos desafios da comunicação do PT

HISTÓRIA. Augusto Sandino assassinado em 1934 e a greve de 1946 em SP

MISTÉRIO. Indício de que o poeta Pablo Neruda foi envenenado pela ditadura

MÚSICA. Documentário traz a vida da cantora e compositora Beth Carvalho

OBITÁRIO. Morre a eterna sex symbol Raquel Welch, aos 82 anos de idade



PT: 43 ANOS NAS LUTAS DO POVO

Alberto Cantalice

Nascido das lutas dos trabalhadores do ABC, no final da década de 1970, o Partido dos Trabalhadores se consolidou como a principal força política do campo progressista no Brasil e uma das maiores do mundo.

Em país vivendo o tacho da ditadura militar instaurada em 1964, o partido foi a “brecha” que vastos setores encontraram. Desde militantes das Comunidades Eclesiais de Base, da Igreja Católica, a anistiados políticos e sindicalistas liderados por Lula. Unidos para construir uma alternativa política que, enquanto lutava pelo fim do regime, agregasse as classes trabalhadoras em um projeto político de caráter renovado.

Crítico do “socialismo real” e da então social democracia europeia, o PT foi aos poucos construindo um caminho próprio: o socialismo petista. Profundamente democrático na essência e construtor de um projeto de Brasil solidário e soberano.

Partido de massas, buscou desde seu nascedouro construir canais para dar voz a quem nunca teve vez, no país dos “coronéis: o povo trabalha-

dor". Disputou eleições, contribuiu decisivamente na fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), no fortalecimento da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e na criação Movimento dos Sem Terra (MST).

Sob a liderança de Lula, disputou todas as eleições presidenciais no período da redemocratização. E saiu-se vitorioso em quatro disputas eleitorais consecutivas com Lula e Dilma.

Vítima de uma intensa campanha de cerco e aniquilamento, foi vítima de um golpe midiático-parlamentar que derrubou, em 2016, a presidenta Dilma Rousseff. O partido ainda sofreria a perseguição a sua maior liderança, presa durante 580 dias, em um processo fraudulento para evitar que voltasse à Presidência.

Naquele momento, o PT lançou Fernando Haddad, e, enfrentando o lawfare e a maior indústria de mentiras da história política do Brasil, levou o candidato do povo e dos trabalhadores ao segundo turno.

Em 2022, com seus direitos políticos legitimamente devolvidos pelo Supremo Tribunal Federal, Lula constrói a maior frente democrática do período recente, encarando o uso desbragado da máquina pública e o aparelhamento dos organismos de Estado. Por conta disso, e diante do retrocesso representado pelo candidato adversário, Lula venceu as eleições.

O presidente assumiu com o mantra: "O pobre no orçamento e o rico no Imposto de renda". É reflexo daquele compromisso de vida que remonta a 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, em São Paulo, quando nascia o Partido dos Trabalhadores.

“SINTO QUE O
BRASILEIRO
ESTÁ FELIZ
POR ESTAR
VIVO”

O cantor e compositor paraibano Chico César comemora a volta do carnaval de rua e vê com otimismo a retomada do Brasil dos sonhos de quem quer construir uma sociedade fraterna, menos desigual e solidária. “A posição forte de Lula em relação à postura conservadora e concentradora de renda do Banco Central é importante”, elogia

Bia Abramo

No último domingo, 11 de fevereiro, caía uma daquelas chuvas de verão pesadas em São Paulo, mas ainda assim o cantor e compositor Chico César mesmerizou a multidão que se espremeu a partir de 11h30 no Obelisco do Parque do Ibirapuera. Depois de dois anos sem Carnaval por causa da pandemia do coronavírus, paulistanos e turistas acorreram aos shows e dezenas de blocos de rua no final de semana para marcar a volta da festa às ruas, parques e praças da maior cidade do Brasil.

Chico César, paraibano radicado em São Paulo desde a década de 1970, conduziu o show com seu repertório de hits como “Mama África”, “Pedra de Resposta”, “Respeitem Meus Cabelos Brancos” e “Filá”. Além disso, ainda houve a participação relâmpago de Zeca Baleiro com aquilo que ele mesmo definiu como uma “explosão de alegria”.

Ativista pelos direitos humanos e artista com perfil militante, Chico César conversou com a Focus Brasil sobre a importância da volta do Carnaval às ruas do Brasil, o otimismo do povo brasileiro em ter sobrevivido à pandemia e ao “pandemônio” e a importância dessa festa “pagã e libertária”.

Leia abaixo os principais trechos da conversa:

Focus Brasil – Pelo pré-Carnaval de São Paulo, dá para dizer que “a alegria está de voltas às ruas?”

Chico César – Eu tenho sentido que, desde a virada do ano, até mesmo um pouco antes, com essa mudança política no Brasil, que as pessoas estão mais otimistas, estão mais felizes, os corpos estão mais relaxados... E as prévias carnavalescas mostram isso, porque o Carnaval é o ápice da explosão de alegria do brasileiro. O brasileiro está mais feliz por ter atravessado uma pandemia, mesmo com a perda de muitos entes queridos, e também por estar se livrando do pandemônio de uma parte importante da vida,

que é a parte institucional, algo que legitimava um pensamento muito passadista, rancoroso, belicoso, nazifascista mesmo. Do ponto de vista do Executivo, o brasileiro conseguiu se livrar, apesar de termos vários governadores dessa tendência, mas acho que o principal saiu. Ainda tem muita gente no Legislativo e até mesmo no Judiciário, mas eu acho que aí tem que buscar punir os culpados e, ao mesmo tempo, tocar a vida para frente com alegria, com música, com frevo, com samba, com axé, com maracatu. Isso é a cara do Brasil. E sinto que esta explosão de alegria está acontecendo aqui no nosso país.



– O Rio tem o samba forte das escolas de samba, Salvador, o samba-reggae e o axé, Pernambuco/Olinda, frevo e maracatu. Como você vê a diversidade de referências musicais do Carnaval de São Paulo? Ou você acha que a música do carnaval paulistano não tem identidade própria?

– São Paulo é terra de muito samba, tem uma tradição que vem do samba rural, de catira, de jongo. É uma terra muito alegre também. Essa tradição foi para as escolas de samba da cidade, que já faziam um carnaval muito belo, muito respeitado, disputado, com uma ligação muito franca com as comunidades que lhe dão origem. E para além do que a cidade já tem, São Paulo tem uma característica muito incrível que é de receber quem vem de qualquer lugar do mundo, trazendo sua cultura. Não é à toa que tem a festa da Achiropita, a festa da comunidade japonesa, que acolheu tão bem o forró de pé de serra nordestino e que também acolhe as manifestações carnavalescas que vem de outras regiões do país. Vem gente da Paraíba, como eu, vem gente da Bahia, como o Baiana System, vem gente de Pernambuco, como Alceu Valença, e tantos outros. E é nesse sentido da diversidade que a festa do Carnaval de São Paulo se caracteriza: a multiculturalidade, a ocupação da rua. Acho que, de uns 15 anos para cá, o paulistano foi para a rua, criando seus blocos, nos bairros e, fazendo a festa acontecer, o poder público abraçou, o poder privado também e hoje temos um Carnaval enorme, maravilhoso e inclusivo.

– Um de seus últimos discos, ainda pré-pandemia, chama-se “O Amor é um Ato Revolucionário”. Fazer música, tocar, compartilhar a música com o público são atos revolucionários?

– As ferramentas de rede podem nos ajudar a ter uma relação mais direta com o nosso público, para além de uma relação comercial. Eu tenho me dedicado a isso também, no sentido de que, quando eu faço uma música, normalmente, eu posto a música ainda crua, do jeito que eu compus aqui no meu quarto,

na cozinha da minha casa. Sinto que isso criou, acho que fidelizou, aproximou a relação com o público... Durante a pandemia eu ensinei a tocar canções, fiz uma espécie de vídeo-aula, mostrando acorde por acorde, em cada dedo, em cada corda, em cada casa do braço do violão... Isso tudo são ferramentas que mostram que, para além do negócio da arte, da música, nós somos criadores que de algum modo precisamos estabelecer vínculos de cumplicidade com as pessoas que estão do outro lado, com o público. E que, também, por sua vez, pode nos responder de um modo muito mais direto. Isso eu acho que é um ato revolucionário.

– Quase três anos de pandemia, que amainou, mas ainda não acabou, deixaram os brasileiros tristes, desesperançados?

– Não, eu não sinto assim, eu sinto o contrário. Eu sinto que o fato de as pessoas terem ficado dois anos e meio aí lidando de uma forma mais opressiva com a pandemia, na coisa do isolamento em casa... Eu acho que deixou as pessoas mais otimistas, porque nós sobrevivemos. Nós somos sobreviventes de uma catástrofe internacional e também de uma catástrofe nacional porque aqui os brasileiros tivemos que enfrentar a pandemia e também, de certa forma, o governo federal e autoridades que se aliaram ao vírus, numa relação muito tóxica: negando a ciência, zombando das pessoas que estavam morrendo, dizendo que era falta de coragem das pessoas que não queriam ir para a rua, negando a máscara, a vacina... Então, nós somos sobreviventes e isso nos torna mais alegres, apesar das perdas, tantas que tivemos. Sinto que o brasileiro está feliz por estar vivo.

– Qual a importância do Carnaval de rua, de qualquer cidade, para cultura brasileira?

– O Carnaval de rua é uma tradição no Brasil, nas grandes, nas médias e nas pequenas cidades. As pessoas organizam seus blocos, seus cursos, seus mela-me-

la, põem máscara, se pintam, se vestem de modo que não se vestiriam noutros momentos do ano... É uma festa pagã e nesse sentido é uma festa bastante libertária e talvez necessária para que as pessoas aguentem o tranco no resto do ano. Ela pode ser subversiva se conseguirmos levar para o resto do ano algumas práticas, algumas atitudes, como você não concentrar a liberdade da alegria apenas em três, quatro dias, uma semana, no máximo, em um ano.

Fazer isso em uma semana já é ótimo, mas acho que é importante você levar isso para o resto do ano, tirar algumas horas de Carnaval por dia, uns minutos; uns dias de Carnaval durante a semana... Em suma, incorporar a alegria do Carnaval, a falta de seriedade que o Carnaval nos traz, levar isso para o resto do ano. Acho que isso é bastante subversivo, anárquico, libertário e, por isso, libertador também.

– Você foi um apoiador entusiasmado da candidatura do presidente Lula e muito crítico ao governo de Jair Bolsonaro. Ano passado, em plena campanha, sua canção “Bolsominions”, cuja letra critica abertamente a manipulação da fé do povo pelo fascismo, circulou muito pelas redes. Como você está avaliando esses primeiros 45 dias de governo Lula?

– Essa música, “Bolsominions”, não é de 2022. É de três, quatro anos atrás, logo quando o governo Bolsonaro começou. Tanto que, por causa dessa canção, a Câmara dos Vereadores da cidade de João Pessoa

**O FATO DE AS
PESSOAS TEREM
FICADO DOIS ANOS
E MEIO LIDANDO
COM A PANDEMIA,
NO ISOLAMENTO
DE CASA... DEIXOU
TODAS MUITO
MAIS OTIMISTAS**

fez um voto de censura contra mim. Este é um governo [Lula] que vem para retomar algo que foi interrompido ali atrás no golpe contra a presidente Dilma Rousseff, mas que precisa olhar para o futuro. O mundo não é mais o mesmo, o país não é o mesmo, a extrema direita cresceu bastante... Acho que os 45 dias de governo trazem mais simbolismos por enquanto. A posse foi um momento incrível, de mostrar a diversidade brasileira. Tivemos também a nomeação de ministros e ministras negros, a presença mais uma vez de Marina Silva à frente do Ministério do Meio Ambiente, a reação rápida do governo com relação aos atos terroristas e golpistas do 8 de janeiro, a reação rápida também das autoridades com relação à crise vivida pelos ianomâmi no Norte do Brasil. Tudo isso é positivo. A posição forte do governo em relação à questão social diante da postura conservadora e concentradora de renda do Banco Central, acho que isso é importante também. Temos um governo começando e que começa muito bem, na minha opinião. •

O CARNAVAL DA ESPERANÇA

TEMPORADA DA ALEGRIA Em São Paulo, o último final de semana já foi marcado pela saída de blocos de rua pela cidade. No Rio, foram mais de 80 agremiações registradas que percorreram as ruas da cidade maravilhosa

Depois da pandemia da covid, do reacionarismo dos conservadores patriotas, o Brasil da alegria, da música, da folia e de Lula está de volta às ruas do país. É hora de festejar e brindar à democracia e à cultura popular do país

O Brasil do carnaval, da alegria, de Lula, da música popular e da democracia está de volta. Depois de uma parada que durou quase três anos por conta da pandemia e do desgoverno de Jair Bolsonaro, chegou a hora de retomar a festa do Momo e brindar a volta da democracia e da esperança. Milhões de brasileiros e turistas já caíram na farrá na última semana embalados pela folia que tem tudo para tornar a festa em 2023 festa inesquecível.

Em Recife, ergueu-se, imponente, um Galo da

Madrugada enorme e decorado com motivos africanos. Em Salvador, atrás do trio de Ivete Sangalo via-se uma fileira de gente e vips instagramáveis. Blocos de todos os tamanhos tomaram ruas de bairros e do centro do Rio de Janeiro. E, em São Paulo, shows enormes de artistas da MPB deram a senha: começou o Carnaval, o primeiro (quase) sem pandemia e com democracia em estado melhor do que nos últimos quatro anos.

Foram dois anos nos quais as festas, shows, saídas de blocos, cordões, trios elétricos, fanfarras, bandas, afoxés e etc. foram suspensos devido às restrições sanitárias necessárias para conter a pandemia de coronavírus. Antes ainda, a partir de 2019, quando a agenda conservadora dos chamados “costumes” do bolsonarismo imprimiu um certo constrangimento moral, mesmo que apenas de fachada, aos festejos do Carnaval, já havia muito pouco a comemorar, extravasar nas ruas nessa data móvel de verão.



Tânia Rego/Agência Brasil

EMBALO NAS RUAS No Rio, desde a semana passada, os blocos de rua tomaram a capital. Da sexta, 17, até a terça-feira gorda, a expectativa é que pelo menos 400 agremiações realizem desfiles pela cidade em quase todos os bairros

Quem não se lembra dos posts à base de fake news, exagero e horror ao diferente da tropa de choque do bolsonarismo? Preconizando uma festa “sadia” – ou, melhor dizendo, sanitizada de acordo com uma visão muito estreita das sexualidades e da capacidade subversiva do povo brasileiro –, o conservadorismo procurava impor, na marra, suas pautas retrógradas e racistas, homofóbicas, anti-feministas como que para encobrir as fantasias, caricaturas e manifestações de protesto que também compareceram aos Carnavais de 2019 e 2020.

Feito de uma combinação caótica de espetáculo midiático e agremiações espontâneas, a tradição do Carnaval brasileiro como que foi interrompida ou, na melhor das hipóteses, bastante atrapalhada por essa combinação nefasta de situação política desfavorável. E, claro, a doença que deixou o povo brasileiro alarmado, de luto e exausto por tanto tempo. Neste ano, no entanto, com os ventos de ânimo e de esperança que vieram da derrota do fascismo nas urnas, em outubro de 2022, a alegria, mais uma vez, voltou a circular nas ruas.

Para além da importância cultural, os vários carnavais espalhados pelo Brasil também são alavancas para movimentar as economias locais. Estimativas do Ministério do Turismo apontam que o Carnaval de 2023 deve atrair 46 milhões de pessoas e injetar cerca de R\$ 8,2 bilhões na economia nacional.

**O CARNAVAL
DEVE ATRAIR
46 MILHÕES DE
PESSOAS PARA
AS RUAS DO PAÍS
E INJETAR CERCA
DE R\$ 8,2 BILHÕES
NA ECONOMIA
NACIONAL**



SUCESSOS POPULARES Em São Paulo, no sábado, 11, Chico César, Alceu Valença e Mariana Aydar, colocaram os foliões para pular em pleno Parque do Ibirapuera, fazendo a alegria do público com marchinhas carnavalescas e frevos

Esse gigantismo econômico da maior festa popular do Brasil se explica pelos seus bastidores: milhares de pessoas estão envolvidas nas atividades relacionadas à produção de shows, confecção de fantasias, adereços e carros alegóricos. E, claro, ao consumo de alimentos e bebidas.

Muito à brasileira, também criou uma clivagem entre os bailes de carnaval “oficiais”, que têm patrocínio de grandes marcas e os não-oficiais, criados por associações de bairros, de movimentos sociais, de sindicatos, de comunidades de vizinhos e amigos. Não à toa, nos últimos anos o poder público acordou para a necessidade de mediar esses conflitos, sobretudo nas grandes cidades brasileiras, no sentido de garantir a diversidade na ocupação do espaço público.

Afinal, tudo acaba ou começa no Carnaval?

O dito popular afirma que, no Brasil, nada acontece no país antes da Quarta-Feira de Cinzas, data oficial de encerramento do Carnaval. E, o pior, nunca se sabe quando é isso, uma vez que trata-se de

uma data móvel, definida de acordo com o calendário religioso da Igreja Católica. O final do Carnaval inicia um período de 40 dias que antecede Semana Santa. Curiosamente, a festa de origem pagã é também um campo de disputa religiosa.

“O Brasil não inventou o Carnaval, mas o povo do Brasil se aconchegou de tal forma à folia, dando sentidos encruzilhados ao Carnaval, que ocorreu o inverso”, explica o historiador e ensaísta Luiz Antônio Simas. No Twitter, ele lembra que foi o Carnaval que inventou um país possível e original. “Isso às margens e nas frestas do projeto de horror que nos constituiu”, comentou. Ele interpreta a festa do Carnaval brasileiro um tanto à revelia do que os estereótipos costumam fazer, como a invenção brasileira de um espetáculo feito de samba e sensualidade, onde a alegria e a animação, magicamente, zerassem as asperezas do cotidiano, as desigualdades agudas e tudo se resolvesse numa confraternização efêmera, mas intensa.

Festa popular que pára o país por um período que varia dos quatro dias oficiais a duas semanas, espetáculo onde os protagonistas são também o público, o carnaval brasileiro é um fenômeno talvez único no mundo. Desenvolveu gêneros musicais próprios e muito característicos, além de vestuário, coreografias e narrativas.

Em cada uma das regiões do país, faz interfaces com outras formas de folias na rua. É pagã, mas homenageia as religiosidades sincréticas espalhadas pelo país, especialmente aquelas de origem africana e negra. No disfarce do Carnaval, vale tudo, inclusive subverter papéis tradicionais e chacoalhar as caretices.

Em Salvador, de onde vem um Carnaval forte, quase que inescapável, com sua cacofonia musical toda especial onde entra do afoxé cantado em iorubá aos trios elétricos e eletrificados das grandes estrelas do axé, se fala de “brincar o Carnaval”.

Olinda e Recife, cidades irmãs e separadas por

poucos quilômetros e pelos rios, pontes de overdrives dos quais falava Chico Science, tem cada uma um Carnaval diferente, que no entanto são semelhantes em sua intensidade.

O Rio de Janeiro, berço de muitas formas específicas de samba para a festa carnavalesca, tem o grande espetáculo do desfile das escolas de samba na “avenida” metafórica do Sambódromo e blocos, cordões e bandas espalhadas pela cidade. Até na insuspeita São Paulo, cidade que se acreditou por muitos anos refratária ao Carnaval, os blocos, shows e festas tomam conta das ruas.

Depois da suspensão dos dois anos sem poder aglomerar pelos cuidados sanitários inspirados pela pandemia e o clima geral de derrota causado pela conjuntura política, o que se pode ver pelas ruas, parques, praças e becos na semana que antecede os dias oficiais do Carnaval (de sábado, 18, a terça, 21 de fevereiro) foi a volta de uma festa popular com a intensidade das alegrias represadas.



GALO DA MADRUGADA No Recife, o maior bloco de carnaval do mundo se prepara para sacudir o centro da cidade e colocar mais de 1 milhão na rua

Na saída de um dos maiores blocos de São Paulo, o Acadêmicos do Baixo Augusta, ouviu-se muito “sem anistia” (para Bolsonaro e sua trupe golpista) e “Lulalá”, além de fantasias e cartazes que apontavam qual lado do espectro político pertencia a maioria dos foliões. Neste ano, o Baixo Augusta contou com o auxílio luxuoso de um dos grupos mais significativos do Carnaval de Salvador, o Olodum, e celebridades paulistana da área da cultura, como a rainha do bloco desde suas primeiras saídas, a atriz Alessandra Negrini e escritor Marcelo Rubens Paiva.

No mote de Luiz Antônio Simas, autor de livros como o excepcional “A Alma Encantadora das Ruas”, o Carnaval de 2023 representa uma virada de expectativa de morte múltipla que rondou o Brasil nos últimos quatro anos.

Mortes muito concretas pela pandemia do novo coronavírus, mortes lentas pelo abandono e pobreza devido aos desastres da política econômica da dupla Jair e Paulo Guedes, mortes pela violência, pelo feminicídio, pelo genocídio programado e pelo ecocídio. E pelas desgraceiras estruturais que nos constituem, mas que foram amplificadas pelo conservadorismo e pelas agendas regressivas.

Outras mortes, simbólicas e não menos importantes, como a (quase) morte da democracia da esperança de futuro, que a situação política do desgoverno da extrema-direita que também nos deixaram acabrunhados.

No entanto, o povo brasileiro resistiu como pôde, deu o troco e, neste primeiro carnaval em que se respira melhor, já voltou a encher cidades do país com o que o compositor Chico César (leia entrevista nesta edição) com suas manifestações de “explosão de alegria”, de turvação dos sentidos e, aí sim, de exercício pleno de liberdade. A julgar pelo pré-Carnaval das grandes, nos próximos dias, os oficiais mesmo do Carnaval, a alegria ancorará definitivamente nas muitas passarelas. Evoé! •



CRIADORA E CRIATURA

Em São Paulo, a cantora Vange Leonel (à esquerda) fez troça ao criar um bloco de carnaval de clara inspiração socialista e disposta a bagunçar o coreto da caretice



NAS RUAS, O BLOCO SOVIÉTICO

A fantástica história da agremiação carnavalesca da estrela (vermelha), que sacudiu o carnaval de rua de São Paulo e fez história. Nascido em 2013, grupo juntou jornalistas, artistas, estudantes e foliões que se achavam a nata da “esquerda festiva”

Bia Abramo

Se ainda estivesse saindo no Carnaval de rua paulistano, o Bloco Soviético teria completado 10 anos em 2023. Nascido de um grupo de amigos que se reunia em torno de um bar na região da Augusta, São Paulo, o bloco começou improvisado, mas já muito aguerrido. Com comando central das ativistas Vange Leonel, Cilmara Bedaque e Verônica Goyzueta, juntou jornalistas, artistas e estudantes em torno da ideia de recuperar a parte festiva da expressão “esquerda festiva”.

O carnaval de rua em São Paulo, ainda que nunca tenha deixado de existir completamente, engatinhava naquele início da década de 2010. Com paródias de marchinhas clássicas fazendo tanto referência às lutas pela tomada do poder pelo proletariado na Rússia de 1917, bem como aos direitos mais contemporâneos, como à ocupação das ruas, o combate sem tréguas aos preconceitos e discriminação da população LGBTQIA+, o Bloco Soviético foi atraindo cada vez mais gente para aquela pândega que tomava as ruas da Consolação até Santa Cecília.

Nem com a morte precoce de Vange Leonel em 2014, que sempre saía fantasiada como uma comandante de guerrilha latino-americana, o bloco esmoreceu. Ao contrário. A memória de Vange, cantora, escritora e já o que se chamaria hoje de influencer nas redes sociais, animava o núcleo de músicos e de seguidores a continuar saindo aos sábados de pré-Carnaval.

“Noite Preta”, o grande hit de Vange Leonel, era cantado a plenos pulmões no esquentar da concentração, muitas vezes com os cantores oficiais e as vozes que se juntavam, quase às lágrimas –Vange morreu aos 51 anos e deixou uma legião de amigos desolados.

Depois, era descer a Consolação ocupando cada vez mais a rua, fazendo o trânsito parar só na genti-

leza, e passar na frente do Mackenzie, palco das batalhas entre a esquerda e o Comando de Caça aos Comunistas em 1968, cantando a “Internacional” a plenos pulmões.

Bloco Soviético/Reprodução



ESQUERDA FESTIVA Nas ruas de São Paulo, o Bloco Soviético fez a festa dos foliões de esquerda, quando nasceu em 2013, abusando do bom humor

À medida que o bloco ia ficando maior e mais conhecido, no entanto, grupos da neodireita que já começavam a se organizar, passaram a fazer ameaças pelas redes, que chegaram, algumas vezes, às vias de fato. Eram grupelhos pequenos ainda, mas com capacidade de intimidar e chegar a agredir.

Como o anticomunismo e o conservadorismo moral foram um combustível que deram na virada histórica que interrompeu um dos mais longos períodos de democracia que o Brasil já teve, a tentação de levar demasiadamente a sério os símbolos que usávamos nas fantasias e camisetas era grande demais para a onda reacionária que tomou o Brasil a partir do golpe de Dilma Rousseff, em 2016.

Em 2017, ano do centenário da Revolução Russa, o Bloco Soviético atingiu seu ápice de público e visibilidade. O aniversário foi tema do bloco, claro, e

arrastou mais de 20 mil pessoas descendo a Augusta e quase se encontrando com o Acadêmicos do Baixo Augusta. O bloco ficou grande demais e complicado demais para um momento político em que as forças progressistas já amargavam o empresário João Dória na prefeitura e, no ano seguinte, veriam a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder.

Num manifesto publicado nas redes sociais – e ainda no ar, no [perfil oficial do Facebook](#) –, o Bloco Soviético encerrou as atividades: “É hora do Bloco Soviético sair de cena e partir pra Cuba, onde a esquerda é mais feliz, em busca da revolução”.

Parte dos integrantes do bloco fundou, em 2018, a Acadêmicos da Ursal, que ainda resiste nas ruas e leva alguma coisa do espírito inefável e festivo que o Soviético conseguiu, nos seus breves quatro anos de existência, imprimir às ruas de São Paulo. •



PACOTÃO COMEMORA 45 ANOS

ARAPONGA No final da década de 70, jornalistas criaram o bloco Pacotão para ironizar a ditadura, mas não escapavam da vigilância do SNI. Acima, caminhão da Polícia do Exército acompanha o bloco pelas ruas da capital federal

O mais antigo bloco de rua de Brasília retoma o bom humor e ironiza os 'patriotas dos quartéis'. Agremiação foi ponto de resistência à ditadura e agora agita a capital com novas marchinhas ácidas

Criado em 1978 por jornalistas como forma de satirizar a ditadura militar, o Pacotão é o mais antigo bloco de carnaval de rua de Brasília. Este ano, o irreverente grupo volta às ruas depois de dois anos de reclusão por causa da pandemia da Covid-19. Famoso pelas ácidas críticas políticas e sociais ao longo dos governos, o bloco realizou no início de fevereiro o seu 42º Concurso de Marchinhas.

“Mesmo já idosa, ela nem despista/ Preconceituosa, homofóbica e fascista/ Odeia livros, detesta artista/ Seu hobby agora é ser a tia terrorista”, diz uma das marchinhas que estão na disputa. A marcha já ganhou a simpatia de foliões. Outra canção que brinca com os tempos atuais e que está na disputa é *“Não amola, Mané”*, de Nilva Souza e Felipe Rodrigues.

A letra tem como mote o momento de reconstrução política do país. *“Vamos reconstruir/ Quero Brasil de pé/ Daqui não vou sair/ Sabe como é/ Tentaram nos roubar/ Mas pegaram os mané”*. Em outro trecho, os versos reforçam a derrota do candidato do atraso, na eleição presidencial de 2023: *“Vamos reconstruir/ Na marcha pela paz/ Não, não amola rapaz/ Quero Brasil de pé/ Tentaram nos roubar/ Mas pegaram os mané”*.

Em 2020, o último concurso realizado pelo Pacotão foi vencido pelo professor e poeta José Sóter, em parceria com Maria Sabina e Assis Aderaldo, com a música *“Contra o fascismo na contramão”*.

O Pacotão nasceu na capital do país, em pleno regime militar, com uma proposta, no mínimo, atrevida: tocar marchinhas que criticassem e ironizassem a ditadura – sem que isso fosse considerado subversivo.

Para além dos versos musicais, as fantasias também eram uma forma sutil de protesto. Os pacoteiros – como eram chamados (e ainda são) os foliões que carregavam estandartes e até faixas, algo que nunca fora característico do carnaval da cidade.

Reza a lenda que agentes do famigerado Serviço Nacional de Informações (SNI) e da Polícia Federal se infiltravam no bloco, no final dos anos 80, buscando mensagem ofensivas ao regime.

“Eles pegavam as faixas, caminhavam um pouco com elas e depois saíam e levavam”, relembra o jornalista Alexandre Lobão, um dos fundadores do bloco. *“Como o bloco ganhou fama nacional e era*

época de abertura, não dava pra prender justo jornalista né?"

Agora, a folia retoma em Brasília com o tradicional e etílico bom humor crítico da agremiação, chamada suntuosamente de a Sociedade Armorial Patafísica Rusticana - O Pacotão. •



LULA: NOVO MINHA CASA MINHA VIDA

Em Santo Amaro, na Bahia, Lula entrega casas e anuncia a retomada do programa de habitação popular para famílias de baixa renda. A ideia é contratar 2 milhões de moradias

Diante da crise habitacional, o governo Lula retomou um dos mais bem-sucedidos programas de moradia popular: o Minha Casa Minha Vida está de volta. Na terça-feira, 14, Lula anunciou a retomada do maior programa de habitação do país, criado em 2009, com a entrega de 2.745 unidades em nove cidades brasileiras, localizadas na Bahia, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Paraná.

Em visita à cidade de Santo Amaro (BA), Lula entregou as chaves da casa própria a 604 famílias. As casas entregues em Santo Amaro estavam paralisadas desde 2016, quando a então presidenta Dilma Rousseff foi retirada do poder por meio do impeachment sem crime de responsabilidade.

de. Naquela ocasião, as obras estavam com 96% de seu cronograma concluído. Lula retomou a construção e finalizou as obras em 45 dias de governo.

“A minha vinda aqui é um sinal. A roda gigante deste país começa a girar a partir de hoje. Eu vim aqui provar que é possível a gente construir um outro país”, disse Lula, ao lado do governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (BA), e do ministro das Cidades, Jader Filho. “Eu vim aqui para dizer a vocês que o povo brasileiro vai voltar a tomar café, a almoçar, a jantar, a morar, a estudar, a trabalhar, a ter acesso a todas as coisas que todo mundo precisa”.

Além das 2.745 unidades habitacionais entregues, o governo Lula anunciou a retomada das obras de outras 5.562 casas em quatro estados e apresentou os objetivos do novo Minha Casa Minha Vida. O programa agora tem como meta contratar 2 milhões de moradias até 2026 e volta a beneficiar famílias de baixa renda. No governo Bolsonaro, o benefício a famílias com renda na faixa de R\$ 2.640 havia sido extinto.

A presidenta da Caixa Econômica, Maria Rita Serrano, que viajou com Lula à Bahia, afirmou que o banco volta a cumprir seu papel mais importante. “A Caixa cumpre aqui seu papel mais primordial, que é o papel social, o papel de contribuir para o desenvolvimento do país. Nós queremos um novo Brasil, que respeite as pessoas e dê dignidade, saúde e educação”, disse.

●



COMPROMISSO O presidente anunciou ainda que a faixa de isenção do Imposto de Renda vai subir para R\$ 2.640 até chegar a R\$ 5 mil

SALÁRIO MÍNIMO VAI A R\$ 1.320

Depois de seis anos sem aumento real, Lula cumpre promessa de campanha e faz reajuste salarial, além de aumentar da faixa de isenção do IR para R\$ 2.640

Quarenta e cinco dias depois de assumir o poder, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vem apontando o rumo de um Brasil que trate melhor o povo trabalhador. Cumprindo a promessa de campanha, Lula anunciou na quinta, 16, que o novo salário mínimo será de R\$ 1.320, a

ser pago a partir de 1º de maio – Dia do Trabalhador. Ele ainda confirmou o aumento da faixa de isenção do IR para R\$ 2.640, que subirá gradativamente até R\$ 5 mil. Hoje, o mínimo é de R\$ 1.302 e a faixa de isenção do IR é de R\$ 1,9 mil.

“A gente vai reajustar em maio para R\$ 1.320 e estabelecer uma nova regra para o salário mínimo, que a gente já tinha no meu primeiro mandato”, disse, em entrevista para a CNN Brasil. Ele comentou que o mínimo irá considerar, além da reposição inflacionária, o crescimento do PIB. “Não adianta o PIB crescer 14% e você não distribuir. É importante que ele cresça 5%, 6%, 7% e você distribuí-lo para a sociedade”, declarou. “Vamos aumentar o salário mínimo todo ano, a inflação será reposta e o crescimento do PIB será colocado no salário mínimo”.

Sobre o Imposto de Renda, Lula afirmou que a ideia do governo é aumentar gradativamente a faixa de isenção até alcançar R\$ 5 mil. “Vai começar a partir de agora, nós vamos começar a isentar a partir de R\$ 2.640 e depois nós vamos gradativamente até chegar a R\$ 5 mil de isenção”, disse. “Foi um compromisso meu e vou fazer”. Ele destacou que é preciso discutir a questão do Imposto de Renda. Segundo Lula, quem recebe salário de R\$ 6 mil paga proporcionalmente mais do que quem vive de dividendos. De acordo com o presidente, é preciso fortalecer a classe média, que está sufocada financeiramente.

Em janeiro, o governo criou um grupo interministerial para elaborar propostas para recriação de uma política de reajuste do salário mínimo e instrumentos de gestão e monitoramento. O impasse para a definição do novo valor em 2023 é o aumento de R\$ 7,7 bilhões em gastos para alcançar os R\$ 1.320 propostos pelo governo ainda durante a transição.

Desde 2020, o piso nacional é ajustado apenas pela inflação, sem uma regra permanente. O au-

mento real (acima da inflação) do mínimo é uma promessa de campanha do presidente e uma das prioridades da nova gestão. Durante os governos do PT, o mínimo foi ajustado considerando a variação da inflação e o crescimento do PIB. Nos 13 anos de Lula e Dilma Rousseff, o salário mínimo teve aumento real de 74%.

Isentar do imposto de renda trabalhadores que ganham até R\$ 5.000 mensais também era uma proposta de campanha do presidente. A tabela do Imposto de Renda de Pessoa Física (IRPF) não é reajustada desde 2015. Em 2022 com uma inflação de 5,79%, chegou à maior defasagem da história: 148,10%, segundo cálculos do Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Sindicato Nacional). •

COMBATE À FOME É PRIORIDADE

Um país que é um dos maiores exportadores de grãos do planeta não pode ter 33 milhões de pessoas passando fome. Agronegócio e agricultura familiar podem minimizar este flagelo

Zeca Dirceu

Assim como a agricultura familiar, o agronegócio pode contribuir de forma significativa no combate à fome no país. O tema é tabu, tendo em vista que o agronegócio, nos últimos anos, tem-se voltado sobretudo a exportações de grãos e proteínas animais para mercados externos. Agora, com a prioridade do governo Lula de alimentar o povo brasileiro e acabar com o flagelo da fome, é hora de união de todos para enfrentar este imenso desafio.

O agronegócio é pujante e fundamental para a economia brasileira, mas um país que é um dos maiores exportadores de grãos do planeta não pode ter 33 milhões de pessoas passando fome.

Para isso, torna-se necessário um novo arca-



bouço institucional em que políticas públicas permitam que o agronegócio tenha, além do seu papel relevante nas exportações, uma atuação igualmente importante na produção de alimentos destinados ao mercado interno, condição essencial para o combate à fome no país. É preciso unir as cooperativas e as agroindústrias com a agricultura familiar no programa nacional de combate à fome.

O setor tem a garantia do governo Lula: previsibilidade, segurança jurídica e apoio aos produtores, incluindo créditos e tecnologias. A estratégia central é continuar apoiando o grande, médio e pequeno produtor e, é claro, com uma atenção especial à agricultura familiar. É possível conciliar a atuação de segmentos do setor, todos imprescindíveis para a economia brasileira.

É fundamental a diversificação da produção, por meio de maior apoio à pequena agroindústria e intensificação de políticas públicas de incentivos às famílias de pequenos produtores. O combate à fome, como o presidente Lula já disse, passa pelo fortalecimento da agricultura familiar, do reforço de estoques públicos de comida e a justa distribuição deste alimento às famílias vulneráveis no país.

Nesse cenário, inserem-se como ações estratégicas a retomada de programas como o Fome Zero e o Compra Direta e a ampliação dos recursos do Pronaf para atender, preferencialmente, a produção de arroz, feijão, mandioca, trigo, hortigranjeiros e pequenos animais. Esses alimentos são fundamentais para a cesta básica das famílias em situação de risco ou em vulnerabilidade.

É pujante a agricultura familiar, que deve ser estimulada depois do descaso do governo que passou. Do mesmo modo, o agronegócio. As commodities do agro são muito importantes para a economia brasileira, para o equilíbrio da nossa balança comercial, gerando milhares de empregos no campo e na cidade, que podem ser am-

pliados significativamente com maior processamento de grãos no país, antes da exportação.

Nessa nova fase da vida do país, é preciso diálogo e construção de entendimentos. A decisão do presidente Lula de nomear Carlos Fávaro para comandar a Pasta da Agricultura foi acertada. Paranaense de Bela Vista do Paraíso, Paraná, e senador por Mato Grosso, ele é um nome capaz de abrir caminho para o diálogo entre todos os atores do mundo do agronegócio e da produção de alimentos do cotidiano dos brasileiros.

É hora tanto de ampliar possibilidades de emprego e renda, com mais exportações e aumento da produtividade, sem agressões ao meio ambiente, como também de expandir a produção de alimentos para o povo brasileiro. Mãos à obra.

●

Deputado federal pelo Paraná, é líder do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados



O BRASIL CORRE RISCO

André Lara Resende diz que manutenção da Selic em 13,75% é um erro e alerta para recessão no horizonte. Economistas reforçam as críticas à política monetária. E por que diabos o BC insiste nisso?

A manutenção da política monetária de Jair Bolsonaro no Banco Central não é uma crítica vazia. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva continua sob tiroteio do mercado financeiro e da mídia que, está a serviço do rentismo, por ter alertado para a manutenção da Selic nas alturas – 13,75% ao ano, com juros reais de 8%. Um escândalo que não tem justificativa técnica, ao contrário do que insistem os colunistas da grande imprensa.

A posição intransigente de Roberto Campos Neto, que além de manter os juros nas alturas se recusa a

redefinir uma meta de inflação factível, só tem respaldo da mídia comercial e de seus ventríloquos. O risco é de o Brasil resvalar numa recessão com o estrangulamento do crédito em taxas injustificáveis para a retomada do crescimento. Desde que deu início ao debate público sobre a indecência da Selic, Lula vem sendo bombardeado, mas sua posição tem respaldo entre economistas de diversas escolas de pensamento.

No domingo, 12, André Lara Resende, um dos pais do Plano Real, colocou o dedo na ferida, na entrevista ao programa *Canal Livre*, da Rede Bandeirantes: “Faz sentido nesse contexto você ter uma taxa de juros que há dois anos está nesse nível? Claramente não”, disse. “Os objetivos do Banco Central, determinados na lei que deu autonomia ao Banco Central, são o controle da inflação, a estabilidade do sistema financeiro e a garantia do pleno emprego. Obviamente essa taxa de juros de 13,75% é incompatível com esses objetivos. Ela está errada”.



CRÍTICA Ex-diretor do BC, André Lara Resende critica a manutenção dos juros em 13,75%, apontando o erro de Roberto Campos Neto na condução da política monetária: “Não faz sentido ter uma taxa de juros nesse nível”

A posição de Lara Resende não é isolada. No início da semana, economistas saíram em defesa da queda dos juros, em documento assinado por 2.400 profissionais de diferentes correntes: “A taxa de juros tem sido mantida exageradamente elevada pelo Banco Central e está hoje em níveis inaceitáveis”. Entre os missivistas estão Luiz Carlos Bresser-Pereira, Monica de Bolle, Luciano Coutinho, Luiz Gonzaga Belluzzo e Antonio Corrêa de Lacerda (leia a íntegra do documento à página 34).

Na quarta-feira, 15, foi a vez de agentes do mercado financeiro alertarem sobre a inaplicabilidade da meta de inflação nos atuais patamares, como insiste Roberto Campos Neto. Em evento do BTG Pactual, em São Paulo, três grandes investidores do mercado financeiro apontaram que é urgente o aumento da meta da inflação. Rogério Xavier, da SPX Capital, fez a defesa mais incisiva do aumento da meta. E foi seguido por Luis Stulhberger, do Fundo Verde, e André Jakurski, da JGP.

Como apontou *O Globo*, tratam-se das três maiores gestoras do país, com mais de R\$ 100 bilhões em ativos sob carteira. Segundo Xavier, a redução das metas de inflação foi definida antes dos choques inflacionários da pandemia e da guerra da Ucrânia, que mudaram completamente o cenário. Daí a avaliação dele de que não faz sentido o Banco Central praticar juros reais elevadíssimos – escandalosos 8%, os mais altos do mundo – para buscar uma meta de inflação de 3% no ano que vem.

“Agora que a gente passou por todas as situações inflacionárias nos últimos anos, com choques de covid, guerra, descarbonização, energia limpa, (desorganização) das cadeias produtivas, o Brasil resolveu fazer 3% de meta de inflação?”, questionou Rogério Xavier. “A meta de inflação, só olhando para ela, que foi acertada há dois anos, está errada”.

Desde que Lula defendeu o aumento das metas de inflação e a redução dos juros para permitir a volta do crescimento econômico, suas críticas passaram

ESSA TAXA DE JUROS DE 13,75% É INCOMPATÍVEL COM OS OBJETIVOS DO BC, QUE SÃO INFLAÇÃO CONTROLADA, SISTEMA ESTÁVEL E PLENO EMPREGO

a ser alvo da mídia, que tomou as dores do presidente do BC. E Campos Neto insiste: a mudança no regime de metas teria o efeito contrário ao esperado, com piora das expectativas, o que dificultaria do corte de juros.

Mas, para surpresa até de jornalistas, dessa vez quem atacou o argumento do presidente do BC foi um agente financeiro, como Rogério Xavier: "Se as expectativas de inflação de 2024, 2025 e 2026 forem para 4%, então aí os juros não caem?

Isso é uma loucura", criticou. "Tem que fazer a trajetória ser cadente, mas com metas alcançáveis. O custo para a sociedade é imenso, seja financeiro, seja social e político".

Na entrevista à Band, Lara Resende alertou que a manutenção da taxa Selic em 13,75% ao ano é um erro, pois desaquece a economia sem combater a inflação. "A economia brasileira precisa ser desaquecida neste nível? Com a taxa de juros real mais cara do mundo hoje? Claramente não", disse. Ele cita que a insistência dos juros elevados aumenta os riscos.

"O fato é que tivemos uma quebra no varejo, no caso da Americanas e outras áreas deste setor enfrentam problemas, o que fez os bancos retraírem drasticamente o crédito. Quando temos uma contração como essa no crédito, se agrava o processo de desaquecimento da economia e embica numa recessão que pode ser muito séria", alertou.

O economista contesta ainda a ideia de que um eventual cenário de aumento dos gastos públicos possa provocar uma onda inflacionária no país: "Es-



ALERTA Investidor da SPX Capital, Rogério Xavier criticou a manutenção da meta de inflação baixa defendida por Roberto Campos Neto, do BC

tamos saindo de 1,3% de superávit primário no ano passado. Agora, este ano, o autorizado pela PEC (do Bolsa Família) é um gasto de mais 2%. A arrecadação vai surpreender positivamente. Se gastarmos o valor integral da PEC, ainda que a arrecadação ficasse onde estava, no mesmo nível, teríamos equilíbrio primário. O Orçamento, a previsão é que você possa ter um déficit primário de 1%. Isso é grave? Claro que não”.

Lara Resende disse também que o fenômeno da inflação em todo o mundo foi provocado pela desorganização das cadeias produtivas, e que não houve relação com o aumento de gastos por parte dos governos. “A oferta se contraiu e houve uma reação inflacionária. Em cima dessa pressão veio a guerra da Ucrânia, que subiu o preço de energia e alimentos por causa, inclusive, dos fertilizantes. Então esta foi a [razão da] inflação”, explicou.

O economista comentou ainda que se apenas a taxa de juros alta combatesse a inflação, não teria havido a necessidade de se criar o Plano Real em 1994. “Quando eu assumi a diretoria do BC (nos anos 1980), nós tínhamos a maior taxa básica de juros da história e não havia sinal de que a inflação ia retroceder”, disse.

A decisão da meta de inflação é do Conselho Mone-

tário Nacional (CMN), composto pelos ministros Fernando Haddad (Fazenda), do Simone Tebet (Planejamento) e Campos Neto (Banco Central). Na quinta, 16, o conselho se reuniu, mas não foi discutida mudança no regime de metas, porque Haddad retirou o tema da pauta. A próxima reunião acontece em junho. •

SINDICATOS PROTESTAM

O movimento sindical reforça o coro dos descontentes com a atuação do Banco Central, que mantém uma política monetária fora do alcance do governo. Na última terça, 14, sindicatos promoveram protestos contra a manutenção da taxa Selic em 13,75% pelo BC. Organizações como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) pediram ainda a saída do presidente da instituição, Roberto Campos Neto.

Vista como um retrocesso democrático, a blindagem do BC, representada pelo mandato de Campos Neto, não coincidente com o do presidente da República, impede que governos populares mudem as políticas econômicas. As manifestações por cortes da taxa básica de juros e uma mudança na política de autonomia do BC aconteceram em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Durante os protestos, as entidades ressaltaram que a queda da Selic é necessária para a volta do crescimento econômico do país, com geração de empregos e renda. O presidente da CUT, Sérgio Nobre, enfatiza que é urgente mudar o rumo do país para que o povo brasileiro volte a ter dignidade.

“Precisamos de alguém no BC que ajude a tirar o país desse caos que foi instalado nos últimos seis anos, que ajude a mudar os rumos para o Brasil voltar a ter emprego e o povo brasileiro volte a ter dignidade, porque esse é o nosso papel, essa é a tarefa do movimento sindical, da Central Única dos Trabalhadores”, disse. •

76% DEFENDEM QUEDA DOS JUROS

Passados 45 dias de governo, o Banco Central insiste na em manter a maior taxa de juros real do planeta. Mas o presidente Roberto Campos Neto perdeu o debate na opinião pública. A maioria esmagadora da população brasileira apoia o presidente Lula, que criticou a Selic em 13,75% ao ano.

É o que mostra a pesquisa Genial Quaest, divulgada na quinta-feira. Nada menos do que 76% dos entrevistados apoiam Lula na defesa de uma queda da taxa de juros praticada pelo BC. Apenas 14% não concordam com o presidente. E 8% não quiseram ou souberam responder.

“Todos são críticos a esta taxa de juros tão elevada”, afirmou o deputado federal e líder do PT na Câmara, Zeca Dirceu. “A maioria da população pensa igual ao que a gente pensa, acha que a taxa de juros está muito elevada. Acho que é correto o país fazer um movimento para ir reduzindo a taxa de juros, de forma responsável e gradual”, disse.

O levantamento destaca que quase metade da população, 46%, acredita que Campos Neto age com algum interesse político à frente do Banco Central. Para 37%, o presidente do BC trabalha tecnicamente, enquanto 17% não souberam opinar sobre a atuação dele.

Mesmo entre os eleitores de Bolsonaro, 61% concordam com a tese de Lula de que é preciso baixar a taxa de juros no país. Entre os eleitores do presidente, 87% também apoiam o petista na cruzada pela redução da Selic. A pesquisa também registrou que 67% não ficaram sabendo das críticas de Lula ao BC. •



APELO Parlamentares do PT, PCdoB, Avante e PSol lançaram na Câmara a campanha "Juros baixos, já", cobrando a redução da Selic pelo Banco Central

PRESSÃO NO PARLAMENTO

Deputados lançam a campanha "Juros baixos, já" e criticam a manutenção da Selic. "Brasil tem a maior taxa real de juros do mundo", critica Lindbergh Farias

Parlamentares do PT e de outros partidos da base do governo Lula anunciaram na terça-feira, 14, a campanha "Juros baixos, já", como parte da insatisfação com a manutenção da política monetária ortodoxa do Banco Central. Na visão desses congressistas, a atual taxa de juros mantida pelo BC é incompatível

com a proposta econômica vitoriosa nas urnas em outubro do ano passado.

A vitória de Lula, que defendeu na campanha eleitoral o crescimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda, está sendo sabotada pelo Banco Central. O ato contou com a presença de dezenas de parlamentares do PT, PSOL, PCdoB, Avante e do PP. "Lula foi eleito falando de crescimento econômico, geração de empregos e distribuição de renda. Nós não conseguimos entender o fato de o Brasil ter a maior taxa real de juros do mundo, de 8,16%", criticou o coordenador da campanha, o deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ).

Ele lembrou que muitos países adotam taxas de juros negativas (taxa de juros descontada a inflação) e que mesmo os que têm juros positivos detêm taxas reais bem menores que a do Brasil. O parlamentar citou como exemplo o México, que tem a segunda maior taxa real de juros do mundo, mas que é de 5%.

Mesmo outros países da América do Sul, com economias menores, praticam juros inferiores aos do Brasil, como Chile (4%) e Colômbia (3%). "Essa taxa de juros é indecente, o que o Brasil não tem como retomar o crescimento econômico", alerta.

A presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PT), também apoia a iniciativa. O diretório nacional decidiu apoiar a convocação do presidente do BC, Roberto Campos Neto, para prestar esclarecimentos ao Congresso. Gleisi ressaltou que não existe justificativa econômica para manter os juros em patamar tão elevado. •

ALERTA CONTRA A ORTODOXIA DO BC

Economistas assinam documento em favor do desenvolvimento do Brasil e defendem a queda da Selic para que o país possa retomar crescimento

A eleição de outubro renovou as esperanças de que o Brasil possa reencontrar os caminhos para a estabilidade política e um lugar respeitável no mundo. O Brasil precisa de paz e de perspectivas. O mundo precisa da estabilidade do Brasil. O presidente Lula tem sabido enfrentar, desde 30 de outubro, alguns dos desafios mais sérios, a começar pela trama da contestação dos resultados das urnas e as arruaças promovidas pelos maus perdedores, bem como soube construir um orçamento viável para as emergências amplamente reconhecidas.

O governo de amplo espectro mostra o compromisso com a inclusão e a governabilidade. Mas é preciso mais. A superação dos desafios brasileiros só pode ser alcançada com uma nova política econômica, promotora de crescimento e prosperidade compartilhada. A razoabilidade da taxa de juros é uma condição indispensável para a normalidade econômica. Sem isso, os investimentos perderão para as aplicações financeiras e as remunerações do trabalho e da produção vão perder para a especulação. A taxa de juros no Brasil tem sido mantida exageradamente elevada pelo Banco Central e está hoje em níveis inaceitáveis.

O discurso oficial em sua defesa não encontra nenhuma justificativa, seja no cenário internacional ou na teoria econômica e o debate precisa ser arejado pela experiência internacional. Nenhum dos países dotados

de recursos e economias estruturadas possui uma taxa de juros sequer próxima da que prevalece no Brasil e que o Banco Central pretende manter por longo período. E todos esses países reconheceram o caráter excepcionalíssimo do surto inflacionário recente, explicado pela pandemia e pelo conflito bélico, não por excesso de demanda.

O Brasil só poderá alcançar os objetivos da estabilidade econômica, política e institucional se juntos formos capazes de aumentar a produção e a produtividade, os empregos e os bons empregos, além dos serviços que são prestados à população e aos mais carentes. O estrangulamento das atividades produtivas e criadoras não é uma solução. As empresas precisam investir para aumentarem a produção e a qualidade e sustentabilidade dos seus produtos e o uso econômico da biodiversidade. As obras de infraestrutura precisam ser retomadas para proverem serviços com custos mais reduzidos para as empresas e as famílias. É no crescimento e no desenvolvimento que o Brasil pode superar as turbulências que nos afligiram.

A excepcionalidade do momento exige serenidade, mas isso não significa se conformar com caminhos estéreis. Precisamos recolher da experiência internacional os melhores ensinamentos e aplicá-los à nossa realidade. E na nossa realidade há hoje muito mais oportunidades de investimento e criação de novas riquezas do que na maior parte dos países. O Brasil, sem as amarras de uma política monetária inadequada, poderá finalmente buscar os verdadeiros equilí-

**NENHUM DOS PAÍSES
COM RECURSOS
E ECONOMIAS
ESTRUTURADAS
TEM TAXA DE JUROS
PRÓXIMA DA QUE
PREVALECE
NO BRASIL**

brios, aqueles que são a razão da política econômica: eliminação da pobreza, redução das desigualdades, preservação da natureza e sustentabilidade.

O momento é excepcional também pelo contexto político. A história mostra que o desemprego e a depressão econômica são substrato para a emergência do fascismo, do militarismo, da xenofobia e do ataque a minorias, avançando sobre as instituições democráticas. Uma governança econômica que seja capaz de debelar o atual estado de estagnação e crise não é somente importante para a melhora das condições de vida da população, mas é também essencial para que retomemos uma trajetória de construção democrática.

Os economistas signatários deste manifesto declaram publicamente o apoio a uma política que seja capaz de reduzir substancialmente a taxa de juros, propiciando as condições para a retomada do desenvolvimento com estabilidade sustentável.” •

Luis Carlos Bresser-Pereira, Leda Paulani, Monica de Bolle, Luis Gonzaga de Mello Belluzzo, Luciano Galvão Coutinho, Nelson Marconi, Antonio Correa de Lacerda, Clélio Campolina, Paulo Nogueira Batista Jr., Lena Lavinias e mais 2.400 assinantes.



EMOÇÃO No palco do Centro de Convenções Ulysses Guimarães na festa de 43 anos do PT, Lula se emocionou: “Voltamos para governar com respeito aos mais pobres e para recuperar a democracia em toda a sua essência”

NA DEFESA DO POVO E DA DEMOCRACIA

PT comemora seu 43º aniversário de fundação em grande festa que marca sua ligação profunda com a militância e a sociedade. Emocionado, Lula lembrou dos dias em que permaneceu na prisão

Na sexta-feira, 10 de fevereiro, o Partido dos Trabalhadores comemorou 43 anos de existência desde sua fundação, em São Paulo. A legenda tem uma história forjada nas lutas do povo brasileiro por democracia e por direitos fundamentais. As comemorações tiveram seu apogeu na festa realizada no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. No discurso, Lula se emocionou ao relembrar a

solidariedade da militância do partido no momento mais difícil de sua vida, quando permaneceu preso na Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba, por 580 dias, sentenciado mesmo sendo inocente. “Eu quero agradecer aquela vigília porque, sem ela, eu não estaria aqui. Pessoas que eu não conhecia e se dispuseram, durante 580 dias, a enfrentar chuva, sol, provocação”, lembrou, com lágrimas nos olhos. “Pois voltamos para governar com respeito aos mais pobres e para recuperar a democracia em toda a sua essência”.

Em outros momentos, Lula chorou ao se lembrar da luta pela criação do PT em 1980 e para mantê-lo de pé desde então. Ele homenageou companheiros que se foram e lamentou a situação difícil e indigna dos brasileiros provocada pelos seis anos que se seguiram após o Golpe de 2016, que retirou Dilma Rousseff do poder e colocou o país à mercê do mais reacionário neoliberalismo, com a retirada de direitos do povo.

“A vida é o dom mais importante que Deus nos deu e nós temos que aproveitá-la da melhor forma possível. E a melhor maneira é a gente ter uma causa, uma razão para viver”, comentou o presidente. “E qual razão melhor do que a gente contribuir para melhorar a vida do povo brasileiro? Do que garantir que aqueles índios ianomâmis não morram? Do que fazer com que não tenha mais crianças e pessoas dormindo debaixo de viadutos?”

O presidente disse que mudar a situação do povo é a razão pela qual o PT existe. “A razão da nossa existência é melhorar a qualidade de vida do nosso povo. Não é a gente viver bem, a gente ganhar as coisas. É a gente repartir. Felicidade, ou a gente reparte, ou a gente perde, porque não é possível a gente ser feliz sozinho”, disse. “Por isso temos de estender a mão às pessoas que mais necessitam da gente. Por isso temos de ter um olhar mais meigo, mais fraterno, mais carinhoso com essas pessoas”.

Antes de Lula, Dilma também falou e enalteceu também o papel da militância petista. Dilma disse que sua previsão ao sofrer o golpe em 2016 – a de que o Partido dos Trabalhadores voltaria – só se realizou porque Lula foi um líder que não fugiu e enfrentou as dificuldades de cabeça erguida.

“Muitas pessoas aconselharam o presidente a ir embora do país. Mas por que seis anos depois nós voltamos? Porque teve uma liderança que, na hora, não fugiu da raia, que encarou e enfrentou”, disse Dilma. “Eu sei e muitos aqui sabem, não é fácil ir para a prisão. O presidente foi, foi com a cabeça erguida, e por isso nós conseguimos voltar. O ‘voltaremos’ se realizou”.

Dilma lembrou que a militância também exerceu um papel fundamental. “Nós sabemos que, em alguns momentos da vida, é preciso ter coragem. E nós tivemos coragem. Cada um de nós aqui presente, em vários momentos, foi ameaçado, se sentiu oprimido e resistiu e lutou e teimou”, reconheceu.



FORÇA A ex-presidenta Dilma e a presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, enalteceram a força da militância do partido ao longo dos anos

História de luta

O PT foi fundado em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), por um grupo formado por dirigentes sindicais, intelectuais de esquerda, ex-exilados políticos e ativistas católicos ligados à Teologia da Libertação.

O PT nasceu em meio a grandes mobilizações sociais, principalmente do movimento sindical no ABC paulista, que marcaram a história política, econômica e social brasileira a partir da segunda metade da década de 1970. Naquele momento histórico, a sociedade brasileira ainda vivia sob uma ditadura militar que durou 21 longos anos.

Tendo à frente o então líder sindical Lula da Silva, o PT foi oficialmente reconhecido como partido político pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral em 11 de fevereiro de 1982.

A partir daí, em quatro décadas de destacada atuação, o PT se tornou o maior partido político de esquerda da América Latina e um dos maiores do mundo. Atualmente, a legenda tem mais de 2,5 milhões de filiados, organizado em todas as capitais e na grande maioria dos municípios do país.

Neste período, o PT obteve importantes vitórias nas três esferas dos poderes Legislativo e Executivo, elegendo líderes políticos nas prefeituras, governos estaduais governado o Brasil por quatro mandatos consecutivos, com Lula de 2003 a 2008 e Dilma de 2010 a 2016, sendo o último mandato interrompido por golpe em 2016, forjado por impeachment sem crime de responsabilidade.

Nas eleições de 2022, após enfrentar uma das mais duras disputas contra a máquina governamental e uma avalanche de fake news, o PT e os partidos da frente ampla venceram e colocaram Lula, o maior líder popular do país, pela terceira vez na Presidência, com mais de 60 milhões de votos.

Além dessa conquista que colocou um fim em quatro anos de desgoverno autoritário, movido por ideais fascistas e à base de mentiras e de atentados à

democracia, o PT elegeu uma bancada de 69 deputados e deputadas federais e mais quatro parlamentares para o Senado.

No início deste ano, uma tentativa de golpe contra a democracia brasileira foi frustrada pela reação das instituições da República. Agora, o PT mais uma vez se consolida como o principal instrumento para a tão sonhada unidade nacional. • **Agência PT**



“O BRASIL NÃO PODE MAIS ESPERAR POR CRESCIMENTO”

No aniversário do PT, a presidenta da legenda fala à militância que segue na marcha por dias melhores: “Duas palavras resumem o compromisso e o desafio que temos: crescimento e empregos”

Gleisi Hoffmann

É com muito orgulho, de cabeça erguida, que estamos aqui hoje para celebrar os 43 anos do partido que foi criado para mudar o Brasil. E mudou. E é também com imensa responsabilidade, porque o povo brasileiro nos conferiu mais uma vez a missão de conduzir o governo, através do nosso sem-

pre presidente Lula, para reconstruir um país destruído e resgatar a esperança num futuro melhor e mais justo.

O PT é fruto da consciência política da classe trabalhadora brasileira e dos que sempre foram excluídos ao longo da história. Consciência forjada na luta por melhores condições de vida, na cidade e no campo, nas organizações de base, nas grandes mobilizações pelo direito de greve e de livre organização, pelo direito de participar ativamente das grandes decisões nacionais.

O PT nasceu lutando por liberdade e democracia, num tempo em que o Brasil era oprimido pela ditadura. Nasceu para dar voz à imensa maioria silenciada pela violência e pela miséria. Nossa força brotou nos sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais, nas comunidades eclesiais de base, recebendo a importante contribuição de notáveis militantes políticos e intelectuais comprometidos com os ideais de igualdade e justiça social.

Estes ideais marcam rigorosamente a trajetória do PT até os dias de hoje. Estamos e estivemos com o povo, defendendo a agenda dos direitos sociais e da transformação do país, na campanha pelas diretas, na Assembleia Constituinte, na oposição aos governos antipopulares, no Congresso Nacional e nas ruas. Estivemos e estamos novamente com o povo, à frente do governo federal.

Não foi uma caminhada fácil - nunca foi, especialmente nos anos recentes, em que um modelo excludente, submisso a poderosos interesses econômicos internos e externos, voltou a oprimir os trabalhadores e fez o país regredir em todos os sentidos.

Para sustentar aquele modelo, contrário aos interesses da imensa maioria da população, o PT foi perseguido e demonizado. Nosso governo, o governo da presidenta Dilma Rousseff, foi deposto por um golpe. Nosso maior líder, o presidente Lula, foi injusta e ilegalmente condenado, teve os

direitos cassados e amargou 580 dias de prisão sem culpa.

Fomos atacados com violência inigualável: decretaram o fim do presidente Lula e a morte do PT. Mas não conseguiram arrancar nossas raízes, porque elas estão plantadas no coração do povo brasileiro.

Denunciamos cada ato de revogação de direitos e destruição do país. Disputamos eleições contra máquinas poderosas de desinformação e abuso do poder. Lutamos pela verdade até o dia em que a Justiça foi restabelecida e tornou-se realidade nossa palavra de ordem: Lula Livre!

Aqui faço uma homenagem a todos que estiveram com a gente nessa luta, e em especial à militância da Vigília Lula Livre, que ao longo de 580 dias e noites deu vida e voz ao sentimento de solidariedade diante da prisão política. Sem vocês, a história não teria sido a mesma.

E porque nunca desistimos de lutar, a esperança voltou a brilhar nos olhos de nossa gente, no momento em que o espectro do autoritarismo voltou a ameaçar o país, 34 anos depois da redemocratização que custou a luta da sociedade e a própria vida de incontáveis brasileiras e brasileiros.

Foi para superar essa ameaça – de um retrocesso ainda maior – que se formou em torno da chapa Lula-Alckmin a frente democrática e popular vitoriosa nos dois turnos da eleição. Nós, do PT, temos orgulho do papel que desempenhamos na construção desse movimento, reunindo aliados de sempre e adversários de ontem para defender a democracia, com os olhos no presente e no futuro do país. Foi muito importante nesse processo o papel da Federação que formamos com PCdoB e PV, além de todos os demais aliados.

A campanha de 2022 foi certamente a mais difícil que enfrentamos nesses 43 anos. Nunca tantos recursos imorais e escusos foram mobilizados para corromper o pleito e sustentar um projeto au-

toritário de poder. Ódio e mentira disseminados em escala industrial nas redes sociais, igrejas, escolas e veículos de mídia venais. R\$ 300 bilhões do Orçamento e do Tesouro desviados para ações eleitoreiras. A chantagem desabrida de patrões contra trabalhadores.

A própria realização das eleições foi ameaçada. Tentaram desacreditar a urna eletrônica e a Justiça Eleitoral, que cumpriu com destemor seu dever. Reconhecida a vontade das urnas, dentro e fora do país, com o presidente já governando, os derrotados tentaram um golpe de força. A selvageria foi contida graças à reação enérgica do presidente Lula e ao repúdio do Legislativo, do Judiciário, da sociedade brasileira e da comunidade internacional.

Os que atentaram contra a democracia, contra o povo e o país, desde antes do infame dia 8 de janeiro, hão de responder por seus crimes, para que não voltem a repeti-los. É sem anistia!

Por tudo isso, neste aniversário de 43 anos, celebramos também a resistência e a luta, do PT e das forças democráticas, que fizeram renascer a esperança e a confiança no futuro do país.

Hoje, duas palavras resumem o compromisso e o desafio que temos diante de nós: crescimento e empregos.

Elas se desdobram em políticas de geração de renda e oportunidades, de superação da fome e da pobreza que voltaram a assolar nossa gente. E de ações voltadas ao desenvolvimento econô-

OS QUE ATENTARAM CONTRA A DEMOCRACIA, O POVO E O PAÍS, DESDE ANTES DO INFAME DIA 8 DE JANEIRO, HÃO DE RESPONDER POR SEUS CRIMES

mico, social e ambientalmente sustentável, com uma nova industrialização, apoio aos serviços e à agricultura responsável, ao pequeno e médio empreendedor. Ao resgate dos instrumentos do estado, empresas e bancos públicos que impulsionam o país.

O Brasil não pode mais ficar esperando por crescimento e empregos. Este sentido de urgência, que certamente estará presente em todas as ações do governo, orienta igualmente a ação política do Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras. Foi o que confirmamos na primeira reunião do Diretório Nacional do PT, sob o novo governo que temos a responsabilidade de sustentar.

Está na hora de enfrentarmos esse discurso mercadocrata dos ricos deste país, que temos risco fiscal. Qual risco? De não pagar a dívida? Mentira. Nossa dívida é toda em reais, numa proporção razoável do PIB. Ainda temos as reservas internacionais, deixadas pelo PT. Eles mentem, e o Banco Central, uma autarquia do Estado brasileiro, corrobora com a mentira, impondo um arrocho de juros elevados ao Brasil. Isso tem que mudar. Temos um mercado antiquado, atrasado que não percebeu ainda as mudanças internacionais. E nos temos de parar de ter medo de debater política econômica, seja ela monetária, fiscal ou cambial e tentar nos acomodar ao que eles querem ou pensam.

Não há acomodação possível diante de 33 milhões de brasileiros e brasileiras que passam fome. Ou diante de tantas famílias destruídas pelo desemprego, de crianças que mendigam nas ruas, desafiando nossas consciências de forma mais pungente do que todas as estatísticas e indicadores sociais e econômicos.

Não há acomodação possível diante do sucateamento da saúde pública, da educação e da cultura; das políticas públicas de apoio ao pequeno agricultor; de defesa das mulheres contra a dis-

criminação e a violência; diante da criminosa liberação de armas que o país assistiu.

Não há acomodação possível diante do continuado genocídio dos povos indígenas e da população predominantemente negra e jovem das periferias e comunidades mais pobres das cidades brasileiras e da população LGBTQI+.

Mais do que denunciar cotidianamente tantas injustiças, mais do que elaborar coletivamente propostas para superarmos a desigualdade e o atraso, é papel do PT conscientizar e ajudar a população a se organizar e se mobilizar na defesa de seus direitos.

E é, sim, papel irrecusável do PT, tanto a solidariedade e o apoio quanto o debate crítico e leal das políticas do novo governo, em todas as áreas, inclusive no terreno econômico; debate que setores atrasados e poderosos pretendem interditar, como se fossem senhores absolutos da razão e da técnica.

Não há técnica nem razão inquestionável nas decisões econômicas se elas não estiverem consoantes com as grandes decisões políticas, aquelas que emanam da vontade soberana da maioria da população. Se a prioridade do país é o crescimento e a geração de empregos e oportunidades, é neste sentido que deve caminhar a política econômica.

É para cumprir estes papéis que serve o PT: defender, conscientizar, organizar e mobilizar em

**ESTÁ NA HORA DE
ENFRENTARMOS
ESSE DISCURSO
MERCADOCRATA
DOS RICOS DESTE
PAÍS, QUE TEMOS
RISCO FISCAL. QUE
RISCO? ISSO É UMA
MENTIRA**

torno dos direitos do povo e dos interesses do país; fazer valer esses interesses junto ao governo e também no Legislativo e em todas as instâncias em que estivermos presentes.

Do contrário, o Brasil não precisaria mais do PT.

O presidente Lula pode ter a certeza de que contará com nosso decidido, firme, inquestionável e leal apoio na missão de reconstruir e transformar o Brasil. Nós viemos juntos nessa longa caminhada e não vamos nos omitir, não vamos nos acovardar, não vamos nos dispersar.

A trajetória do PT deixou marcas indeléveis na história do Brasil. Somos o primeiro partido político construído de baixo para cima, contrariando a tradição elitista. O primeiro a combinar a ação institucional com a mobilização nas ruas; a força dos movimentos sociais com a elaboração de políticas públicas inovadoras e necessárias.

Somos o primeiro partido a adotar a paridade entre mulheres e homens em todas as instâncias de direção. O primeiro a eleger e reeleger um representante da classe trabalhadora e uma mulher à Presidência da República.

O PT mudou sim o Brasil, com novas práticas políticas, e transformou para melhor a vida de nossa gente com o Bolsa Família, Luz Pra Todos, Minha Casa Minha Vida, aumento real do salário-mínimo, 20 milhões de empregos, Pré-Sal, Prouni, Reuni, Novo Fies, Lei de Cotas, UPAs, Samu, Lei Maria da Penha; um país respeitado e admirado no mundo.

Foi esse imenso legado que nos credenciou a manter a confiança do povo, mesmo nos momentos mais difíceis e mesmo quando cometemos erros que tanto nos custaram. É a energia da nossa militância, da base até a direção nacional, mais experiente e madura, que estamos colocando à disposição do presidente Lula e do projeto de reconstrução e transformação do país.

Somos e pretendemos continuar sendo um partido vivo, como deve ser viva e concreta a demo-

cracia; aprendendo com a sabedoria popular a enfrentar desafios permanentes e os novos também.

Somos o partido criado pelo povo brasileiro para mudar a história, o presente e o futuro do Brasil.

Viva o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras!

Viva o povo brasileiro! •



ALERTA PARA DETER O FASCISMO

Ex-presidenta Dilma Rousseff participa de debate nas comemorações de 43 anos do PT e afirma que novo governo Lula é chance para tornar o Brasil melhor

A vitória definitiva sobre o fascismo bolsonarista, iniciada na eleição de outubro de 2022, virá com o sucesso do novo governo Lula e com a ampla mobilização da sociedade em torno de um projeto de desenvolvimento do país com inclusão e justiça social.

É preciso lutar para que essas duas condições se concretizem. Esta é uma das missões mais importantes do momento, aponta a ex-presidenta Dilma Rousseff. “Temos de nos organizar, criar mecanismos e estratégias. Se nós dermos esse passo de conscientização e organização, vamos fazer jus aos 43 anos do nosso partido”, disse.

No domingo, 12, Dilma participou, ao lado da presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, do debate ‘Os próximos desafios para derrotar o fascismo’. Também estiveram presentes o lado do líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE); a ex-ministra

dos Direitos Humanos Nilma Lino Gomes; e o professor emérito de economia da UFRJ José Luís Fiori.

Recebida com entusiasmo e carinho pela plateia majoritariamente feminina, a ex-presidenta Dilma disse que a vitória de Lula representa uma chance única de reconstrução do Brasil. “É uma oportunidade de reconstruir o país não só em relação ao que era, mas o tornando melhor do que ele foi”, disse.

Ela apontou que a reconstrução não ocorrerá sem enfrentamentos com movimentos de ultradireita, que hoje se organizam em todo o mundo. Dilma lembrou que, no caso brasileiro, o fascismo atual tem origem no integralismo, na ditadura militar, na manipulação da religião e na escravidão, que até hoje deixou marcas de violência, sobretudo na população negra.

Por isso, a capacidade do novo governo de melhorar a vida da população é crucial. E um primeiro desafio é o de viabilizar o mandato de Lula. Daí, explicou Dilma, a importância da luta para abaixar a taxa de juros praticada atualmente pelo Banco Central, que freia o crescimento econômico e é considerada injustificável até mesmo por economistas conservadores. “O presidente Lula está defendendo o direito de executar o mandato para o qual foi eleito”, resumiu Dilma.

“Para isso, ele precisa fazer com que a Eletrobrás volte a ser a empresa dos brasileiros, retomar os investimentos que estão paralisados, voltar com o Minha Casa Minha Vida, estimular o conteúdo local por meio da Petrobrás e remodelar o BNDES como banco de investimento”, elencou. • **Agência PT**

GLEISI CONTINUA À FRENTE DO PT

A deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) permanecerá à frente da Presidência Nacional do PT até 2025. A decisão foi formalizada durante reunião do Diretório Nacional do PT, na segunda-feira, 13. O mandato se encerraria em novembro.

O diretório prorrogou ainda a gestão de toda a coordenação das diretorias estaduais do PT. Lula fez parte do grupo que defendeu a permanência de Gleisi no cargo. O presidente e a maioria dos membros da legenda entenderam que o partido não deveria abrir margem para uma disputa interna no primeiro ano do governo Lula.

“O partido precisa dela livre e solta para dirigir a legenda de esquerda mais importante da América Latina, o partido possivelmente mais democrático”, disse Lula. A presidenta do PT assumiu a coordenação da sigla pela primeira vez em junho de 2017. Ela deveria ficar somente por três anos, mas foi reconduzida em 2020.

No período de transição, Gleisi chegou a cotada para o Ministério do Planejamento e para assumir secretarias no Palácio do Planalto. No entanto, ela teria sido dissuadida da ideia de pedir cargos ministeriais porque sua permanência é considerada vital por Lula.

Lula elogiou a parlamentar: “Parabéns, Gleisi, pelo seu trabalho como presidente deste partido. Você é uma mulher que me dá muito orgulho porque poucas vezes a gente teve uma pessoa com sua capacidade para presidir este partido. Que Deus te abençoe e que dê forças, e o que PT continue te apoiando”. •



OKAMOTTO ASSUME A PERSEU ABRAMO

Ex-diretor do Instituto Lula, sindicalista quer colocar a FPA para responder às novas demandas do PT

A indicação de Paulo Okamoto para presidir a Fundação Perseu Abramo, feita na segunda-feira, 13, na reunião do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores será ratificada pelo Conselho Curador da entidade. Okamoto assume no lugar de Aloizio Mercadante, que foi nomeado presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Paulo Tarciso Okamoto, 66 anos, iniciou sua trajetória política militando no movimento sindical. Em 1981, tornou-se dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC onde atuou por três mandatos como diretor financeiro, segundo secretário e diretor do departamento jurídico.

Em 1989, foi o tesoureiro da campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva. Posteriormente, Okamoto foi eleito presidente do Diretório Estadual do

PT. Em 1990, participou da criação do Instituto Cidadania, hoje Instituto Lula, do qual foi presidente e era um dos diretores até o início de 2023. Em 2003, assumiu a diretoria de administração e finanças do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Em 2005, foi eleito presidente da entidade, cargo que ocupou até 2010.

Na direção da Fundação Perseu Abramo, Okamoto vai trabalhar com a formação de quadros, lideranças e dirigentes partidários. “A FPA deveria responder às demandas do Diretório Nacional do PT realizando as pesquisas, os estudos e demais necessidades do partido”, disse.

Além disso, Okamoto aponta a necessidade de a fundação colaborar com a organização partidária. “Temos problemas organizativos e acredito que a fundação possa ajudar o PT nesse sentido”, declarou.

O ex-presidente do Instituto Lula entende que “a conjuntura é favorável”, diferente da que o PT e os setores progressistas da sociedade enfrentaram desde o Golpe de 2016. “Acabamos de sair de um processo eleitoral difícil e há uma expectativa positiva dos progressistas. Tem muita gente querendo ajudar”, comentou.

Além da indicação de Paulo Okamoto, o Diretório Nacional do PT ainda apresentou os nomes de Vírgilio Guimarães e Naiara Raiol para compor a diretoria da FPA. Eles vão substituir Geraldo Magela e Jéssica Italoema. •

FORMAR, INFORMAR E MOBILIZAR

Quem abrir mão do fortalecimento de sua capacidade de comunicação corre o risco de ser engolido pelo avanço de narrativas que deturpam fatos e também pelas fake news

Jilmar Tatto

Os desafios para a comunicação no Brasil, que são históricos, agravaram-se nos últimos anos. O bolsonarismo, alinhado ao trumpismo e a um movimento coordenado de ofensiva da extrema direita no mundo, banalizou os ataques à imprensa enquanto uma verdadeira indústria de fake news e de discursos de ódio invadiu celulares e computadores de milhões de brasileiras e brasileiros.



Como um partido que assumiu, junto com seus aliados, a tarefa de reconstruir o Brasil, o PT tem a responsabilidade de, ao mesmo tempo, lutar pelo desenvolvimento de uma comunicação democrática e plural no Brasil e promover uma sistemática disputa de narrativa contra a extrema-direita. É preciso defender e afirmar a democracia, a correta versão dos fatos e o interesse público.

Para tanto, além de lutar pelas mudanças necessárias na área de comunicação do país, o PT deve fortalecer a própria capacidade de dialogar com seus filiados e filiações, militantes e sociedade em geral. O partido deve continuar a apostar no

fortalecimento de seus canais, especialmente os digitais, uma vez que as disputas políticas e de narrativa acontecem, cada vez mais, nas redes sociais e na internet.

A expansão do meio digital permite que as informações – corretas ou não, verdadeiras ou fraudulentas – se disseminem em uma velocidade cada vez maior, exigindo uma capacidade de reação igualmente mais poderosa.

Contar com as ferramentas necessárias para a produção de conteúdos, de uma rede ampla e integrada de comunicação para difundir sua mensagem, com serviços de monitoramento refinado e em tempo real, com o domínio da linguagem mais adequada para cada canal é essencial para um partido que vive sob constante ataque, devido a sua força e seu projeto de país, que incomoda poderosos domésticos e estrangeiros.

Hoje, qualquer partido, entidade ou instituição que abrir mão do fortalecimento de sua capacidade de comunicação corre o grave risco de ser engolido pelo avanço de narrativas que deturpam fatos e espalham mentiras, sem nenhum compromisso com os interesses do povo e do país.

Afirmar nossa visão de mundo e nossas propostas para os trabalhadores e para a nação é tanto um objetivo a longo quanto a curto prazo. Afinal, sabemos que a construção do Brasil que sonhamos será longa, mas temos, hoje, que assegurar

**O PT TEM A
RESPONSABILIDADE
DE LUTAR PELA
COMUNICAÇÃO
DEMOCRÁTICA E
PLURAL E DISPUTAR
A NARRATIVA
CONTRA A
EXTREMA-DIREITA**

o sucesso do governo Lula na luta contra a fome, o desemprego, a inflação, a injustiça fiscal e o abandono dos mais frágeis.

Logo mais, em 2024, passaremos por novas eleições em nível municipal. Não podemos nos descuidar. É necessário formar, informar e mobilizar. Sempre. •

Deputado federal por São Paulo,
é secretário nacional de
Comunicação do PT.

A SEMANA NA HISTÓRIA

20 a 26 de Fevereiro

24 de fevereiro de 1891

PROMULGADA A CONSTITUIÇÃO

Em 24 de fevereiro de 1891, era promulgada a primeira constituição do regime republicano e a segunda do Brasil. Duzentos e trinta e quatro congressistas escolheram Marechal Deodoro da Fonseca para a Presidência da República. As eleições diretas só vieram a ocorrer três anos depois, em 1894. Até então, somente católicos podiam votar no Brasil. Esta foi a Constituição que separou textualmente o poder do Estado da Igreja.

24 de fevereiro de 1932

INSTITUÍDO O VOTO SECRETO E FEMININO

Publicada a primeira legislação eleitoral que reconhece no Brasil o voto feminino e inclui o voto secreto: o Decreto 21.076. A redação do dispositivo considera eleitor “o cidadão maior de 21 anos sem distinção de sexo”. O uso de sobrecartas oficiais uniformes e opacas, o isolamento do eleitor em cabine indevassável para a colocação das cédulas, a standardização das cédulas e da urna enfatizam o segredo do voto.

A partir desse período, as mulheres brasileiras passam a ser integradas na categoria de indivíduo capaz de expressar opiniões políticas próprias por meio do ato do voto, a ser praticado secretamente em local e urna outorgados comuns aos dois sexos.



21 de fevereiro de 1934

HERÓI DA NICARÁGUA, SANDINO É MORTO

Augusto César Sandino, o herói nicaraguense que liderou a luta pela expulsão dos fuzileiros navais americanos da Nicarágua, é assassinado por homens da Guarda Nacional de seu país, comandada por Anastasio Somoza García.

Os Estados Unidos ocuparam a Nicarágua em 1927. Comandando um exército de artesãos e agricultores, Sandino revelou-se um guerreiro incansável, conseguindo livrar o país das tropas de ocupação em 1933. Ele passou a ser chamado de "O General de Homens Livres".

O jornal americano "The News York Herald Tribune", ao comentar sua morte, afirmou: "Quer Sandino seja considerado um bandido, quer um herói, houve qualquer coisa de atraente e de magnífico na sua figura que lembra os sucessos obtidos na luta contra os fuzileiros americanos. A sua ação nesses movimentos serviu para reavivar o entusiasmo patriótico dos latino-americanos, ação essa que não deixou de criar embaraços aos americanos. Se pudéssemos remontar às origens da política atual dos Estados Unidos em relação à

América Latina, não poderíamos deixar de reconhecer que o general Sandino tem nessa situação grande responsabilidade”.

Anastasio Somoza García, homem de confiança de Washington, substituiria o presidente Juan Bautista Sacasa no governo da Nicarágua em 1936 e ficaria no poder até ser assassinado, em 1956. Nesse período, tornar-se-ia um dos mais sanguinários ditadores latino-americanos.

Iconographia



20 de fevereiro de 1946

GREVE DE 100 MIL PARALISA A GRANDE SÃO PAULO

O estado de São Paulo contabiliza mais de 100 mil operários em greve, somente na capital e na região do ABC. Em Santo André e São Bernardo, 10 mil operários, dos setores de frigoríficos e de artefatos de borracha, interromperam suas atividades. No setor têxtil, 50 mil trabalhadores cruzam os braços.

No ano anterior, os trabalhadores enfrentam a repressão do governo e a pressão dos sindicatos que orbitavam o Ministério do Trabalho – os chamados “pelegos” ou “ministerialistas”. Eles iniciaram então movimentos para melhorar as condições de trabalho e combater o arrocho salarial. Em janeiro e fevereiro

de 1946, foram registradas mais de 60 greves, e até maio do ano seguinte os metalúrgicos paulistas fariam mais cinco paralisações.

Criadas para pressionar os sindicatos governistas a uma ação mais combativa, as comissões de fábrica assumiriam a liderança nesse período de intensa movimentação grevista. Foram elas que fizeram as pautas de reivindicação e mobilizaram os trabalhadores.

Muitas dessas comissões tiveram vida curta – apenas no período da greve –, mas sua prática serviria para legitimar lideranças independentes da influência dos pelegos. Graças à sua atuação, reivindicações dos locais de trabalho também seriam incorporadas às negociações.

Dois anos depois, a experiência seria reproduzida pelos ferroviários da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. À revelia do sindicato, a greve seria deflagrada pelas “comissões de reivindicações” e se estenderia por Campinas, Ribeirão Preto, Franca, Uberaba e Guaxupé, enfrentando a repressão e a perseguição dos próprios sindicatos.

20 de fevereiro de 1987

BRASIL DECRETA A MORATÓRIA

Após se reunir com o Conselho de Segurança Nacional, o presidente José Sarney anuncia a decisão de adiar o pagamento dos juros da dívida externa brasileira até que as reservas do país sejam recompostas. A situação econômica é crítica e as reservas cambiais caíram a nível muito baixo. Apesar de não utilizar o termo “moratória” – medida que meses antes o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, garantia que o país não adotaria –, a decisão é recebida dessa forma por credores, mercado e opinião pública. A moratória afastou investimentos, abalou a confiança na economia e não evitou a recessão.

21 de fevereiro de 1992

EM DEFESA DA PREVIDÊNCIA

Em todo o Brasil ocorreram atos públicos e várias formas de mobilizações e protestos. βTrabalhadores e aposentados ainda organizaram o Dia Nacional de Lutas dos Aposentados em Defesa da Previdência Social e pelo pagamento do reajuste de 147,06% expurgado pelo governo Fernando Collor.



Centro Sérgio Buarque de Holanda Fundação Perseu Abramo

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

Visite o memorialdademocracia.com.br

NERUDA FOI ENVENENADO?

Surgem evidências de que o poeta foi assassinado no Chile. Cientistas detectam nos restos mortais uma bactéria tóxica após investigação de uma década que reforça as suspeitas de que o Nobel de Literatura foi vítima de uma conspiração política

Um dos maiores poetas do século 20, Pablo Neruda morreu em 1973. A causa oficial foi o câncer, mas há muito se suspeita que o mais famoso poeta do Chile teria sido assassinado. E, agora, evidências parecem reforçar tal teoria. Menos de duas semanas antes de sua morte, o golpe militar derrubou o governo de Salvador Allende. Neruda era um dos aliados mais proeminentes do governo e estava a poucas horas de fugir para o México. Então, em 2011, seu motorista fez uma alegação bombástica: Neruda foi injetado no estômago pouco antes de sua morte.

Na última quarta-feira, 15, após investigação de uma década, uma equipe de especialistas forenses internacionais entregou a um juiz chileno seu

relatório final sobre a análise dos restos mortais exumados de Neruda. Era um momento que os chilenos esperavam há muito tempo. Os cientistas encontraram no corpo de Neruda um tipo de bactéria potencialmente tóxica que não ocorreria naturalmente ali, e confirmaram que estava em seu sistema quando ele morreu.

Apesar disso, a equipe de especialistas forenses não conseguiu distinguir se era uma cepa tóxica e tampouco pode concluir que o poeta foi envenenado com a bactéria. Ou se, em vez disso, ingeriu alimento contaminado. Ainda assim, os cientistas admitiram que outras evidências circunstanciais apoiam a teoria do assassinato, incluindo que em 1981 a ditadura militar envenenou prisioneiros políticos com bactérias possivelmente semelhantes à cepa encontrada em Neruda.

Em vez de fornecer clareza, o relatório altamente antecipado mostrou que um mistério de assassinato que paira sobre o Chile nos últimos 50 anos pode nunca ser resolvido. "Se ele tivesse uma cepa tóxica, como ela teria chegado lá?", questionou Charles Brenner, um investigador forense da Califórnia que ajudou a completar o relatório. "Isso é mais uma questão de imaginação e não de ciência".

Em 2017, cientistas anunciaram que encontraram vestígios da bactéria no dente de Neruda, mas não tinham certeza se ela havia penetrado em seu corpo após o enterro, o que poderia ter ocorrido. Agora, a nova descoberta de que a bactéria estava dentro de Neruda quando ele morreu provavelmente alimentará a profunda suspeita entre muitos chilenos de que a morte da figura cultural mais proeminente do país foi apenas mais uma atrocidade da ditadura militar do Chile.

A ditadura, que governou de 1973 a 1990 sob o punho de ferro do general Augusto Pinochet, levou centenas de milhares de chilenos ao exílio, torturou dezenas de milhares e deixou mais de 3.000 mortos. Paola Plaza, a juíza chilena que supervisiona a

investigação da morte de Neruda, recebeu o relatório na quarta-feira e disse que o consideraria uma evidência importante no inquérito sobre se Neruda foi envenenado. Ela pode apresentar acusações de homicídio se achar que tem provas suficientes.

Para alguns dos parentes de Neruda, que há muito acreditam que o poeta foi assassinado, o relatório foi uma prova de que ele foi vítima do regime de Pinochet. "Já encontramos a arma do crime. Mas quem o matou? Essa é a segunda etapa", disse Rodolfo Reyes, sobrinho de Neruda, advogado e autor do caso. "Mas pelo menos ficou registrado na história que Neruda não morreu de tristeza ou câncer".

Conhecido pelos seus poemas de amor, Neruda é amplamente considerado um dos maiores poetas do século 20, tendo sido laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1971. Durante sua vida, esteve ativamente envolvido na política, inclusive como ex-senador do Partido Comunista e embaixador do Chile na França. Neruda estava em Paris quando fez o primeiro tratamento para câncer de próstata, retornando ao Chile em 1972.

Um ano depois, os militares tomaram o poder. As tropas saquearam e destruíram a casa de Neruda em Santiago, Chile, e invadiram duas vezes sua casa em Viña Del Mar, cidade costeira a 70 milhas a oeste de Santiago, onde vivia com sua terceira esposa. Em meio ao tumulto dos dias que antecederam a derrubada do governo socialista, o México ofereceu asilo a Neruda. Mas dias antes de sua viagem, ele foi internado em uma clínica médica em Santiago, onde morreu aos 69 anos.

Embora houvesse algumas suspeitas de crime, a ideia de que ele morreu de causas naturais foi amplamente aceita em todo o Chile. Na década de 1980, a Fundação Pablo Neruda, uma organização sem fins lucrativos que administra as antigas casas do poeta, argumentou que não havia "nenhuma evidência para apoiar que a causa da morte fosse outra coisa senão câncer".

DIAS ANTES DE DEIXAR O CHILE RUMO AO MÉXICO, QUE HAVIA OFERECIDO ASILO, NERUDA FOI INTERNADO COM FORTES DORES E MORREU

Mas em 2011 veio uma nova denúncia. O ex-motorista de Neruda, Manuel Araya, disse a uma revista mexicana que Neruda lhe disse em seu leito de morte que os médicos o injetaram no estômago com uma substância desconhecida que o fez “queimar por dentro”. Na época, poucos parentes e amigos de Neruda acreditaram na versão de Araya, nem a Fundação Pablo Neruda.

Não ficou claro por que o Araya se manteve em silêncio por 40 anos. Ele disse que tentou contar ao Partido Comunista do Chile décadas antes, mas que ninguém quis ouvir. Mas depois de sua alegação pública, o partido entrou com uma ação para investigar a morte. Em abril de 2013, o corpo de Neruda foi exumado por ordem de um juiz.

Especialistas forenses do Chile, Espanha e Estados Unidos analisaram os restos mortais e publicaram um relatório sete meses depois, afirmando que não havia “nenhuma evidência forense” apontando para uma causa de morte que não fosse o câncer. Os examinadores encontraram lesões metastáticas no esqueleto correspondentes ao câncer de próstata e vestígios de medicamentos para tratá-lo.

No entanto, os laboratórios forenses da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, e da Universidade McMaster, no Canadá, continuaram a examinar os restos mortais de Neruda, incluindo o DNA. Em 2017, eles disseram que uma causa oficial de morte, caquexia ou atrofia do corpo causada por câncer, estava incorreta.

“Não havia indicação de caquexia. Ele era um homem obeso no momento da morte”, disse na época o Dr. Niels Morling, um cientista dinamarquês que ajudou a liderar a análise. “Todas as outras circunstâncias em sua última fase de vida apontavam para algum tipo de infecção”.

Os pesquisadores também encontraram em um dos molares de Neruda vestígios da bactéria *Clostridium botulinum*. Algumas cepas dessa bactéria causam botulismo, que pode paralisar e matar pessoas, e estão entre as toxinas mais mortais do mundo, às vezes usadas em armas biológicas. •



DOCUMENTÁRIO REVELA A ARTISTA

"Andança - Os Encontros e as Memórias de Beth Carvalho" traça um perfil biográfico da cantora e compositora, uma grande pesquisadora de samba e música popular brasileira

Bia Abramo

Beth com Cartola, Beth com Nelson Cavaquinho. Beth com Elizeth e com Jovelina Pérola Negra. Beth com Zeca Pagodinho, Almir Guineto, Arlindo Cruz. Beth cantando & gargalhando. Beth discutindo no estúdio. Na praia, no boteco, no show, no fundo de quintal. Ao longo de quase duas horas, a personagem que tenta se delinear nas telas a partir do documentário "Andança - Os Encontros e as

Memórias de Beth Carvalho” é uma de uma cantora, compositora e instrumentista sem a qual o samba carioca entre os anos 1970 e 2010 não existiria.

Há, é claro, um pouco de exagero na afirmativa, mas pouco. Por que para além de sua carreira individual, notável com seus 39 discos de estúdio e incontáveis apresentações ao vivo, Elizabeth Santos Leal Carvalho era uma tremenda de uma arquivista. Documentava o que podia em vídeo, colecionava fotografias, papéis relativos ao seu trabalho como artista e sua vida pessoal. Uma das cenas que abre o filme, dirigido por Pedro Bronz, mostra Beth circulando nos arquivos da gravadora, com fitas master das gravações de discos, feliz como pinto no lixo.

O documentário nasceu, justamente, de uma conversa de Pedro Bronz com Beth. O diretor, também autor de um documentário sobre Herbert Vianna, convenceu a cantora a abrir seu acervo para começar a elaborar o documentário junto com o roteirista Leonardo Bruno. Isso a partir de cerca de 2 mil horas de memórias em formato de vídeo que passaram então por uma difícil curadoria até caberem em um longa-metragem de duas horas. Além disso, a artista recebeu diretor e roteirista para entrevistas, algumas delas realizadas no hospital, pouco antes de sua morte em 2019.

Beth Carvalho nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Cresceu num ambiente confortável de classe média (o pai era advogado) e teve aulas de piano, balé e violão na infância. Adolescente, acompanhava o pai em rodas de samba e ensaios de escola de samba. Boa violonista – chegou a ajudar no orçamento familiar dando aulas de violão –, Beth começou a carreira atraída pela bossa nova, como muitos jovens de sua geração.

No entanto, o samba de morro, de comunidade, de partido alto ou das famosíssimas rodas em bares e botecos espalhados pelo Rio de Janeiro falaram mais alto. Curiosamente, seu primeiro sucesso e canção que dá nome ao ao filme, “Andança”,

composição de Danilo Caymmi, Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, não é exatamente um samba. É, antes, uma típica “música de festival” - tanto é que foi defendida por Beth num dos derradeiros festivais, o Internacional da Canção de 1968 e ficou num honroso terceiro posto, atrás apenas de “Sabiá”, de Chico Buarque, e de “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré.

A canção projetou a então jovem Beth Carvalho, com 22 anos, como cantora e rendeu um contrato com a gravadora EMI-Odeon. Seria nos anos 1970, numa gravadora menor, a Tapeçar, que Beth encontra seu norte como pesquisadora de música popular brasileira e como sambista. A partir daí, ela deslancha como uma incansável garimpadora de músicas, de músicos, de parceiros e atua quase como uma curadora de parcerias & encontros musicais.

Assim, ela foi atrás, por exemplo, do resgate de dois sambistas já então da velha guarda: Nelson Cavaquinho e Cartola. E, mais adiante, ajudou a colocar em relevo o pagode, o fundo de quintal nas relações profissionais e de amizade com Arlindo Cruz, Jorge Aragão e Almir Guineto.

A delicadeza e a alegria das cenas dos encontros artísticos, das jornadas musicais noite adentro, das cenas de gravação em estúdio conseguem dar essa dimensão inquieta de Beth Carvalho. Contar com um material de arquivo tão rico, variado e denso – em muitas das cenas, familiares, amigos ou parceiros comentam a “mania” de Beth de registrar tudo

EXUBERANTE, GUERREIRA, DE VOZ FORTE E RISO FRANCO, BETH DEIXOU MARCA NA HISTÓRIA DO SAMBA E DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

e todos praticamente sem filtro – contribui para uma narrativa fluida de uma biografia tão ligada ao fazer musical.

O perfil militante daquela que era chamada de “rainha do samba” vai se construindo de forma menos evidente. Beth, além de sua atuação como produtora e incentivadora da cultura popular, era politicamente engajada e teve papel relevante na redemocratização do país. Foi filiada ao PDT e participou da gravação da primeira versão de “Lula Lá”, em 1989. “Vou Festejar”, por exemplo, tornou-se quase um hino de comícios pelas Diretas Já e em festas de comemoração de eleições.

Exuberante, guerreira, de voz forte e riso franco, Beth fez uma marca muito própria na história do samba e da música popular brasileira. Não apenas pela série de canções que compôs ou cantou, como “Coisinha do Pai”, “Saco de Feijão”, “1.800 Colinas”, “As Rosas Não Falam”, “Folhas Secas”. Ela quase personifica uma espécie de espírito de um certo samba carioca que se constrói a cada esquina, a cada boteco, a cada bairro; onde quer que se encontrem um violão, uma superfície para batucar e uma poética que dê sentido a tudo isso.

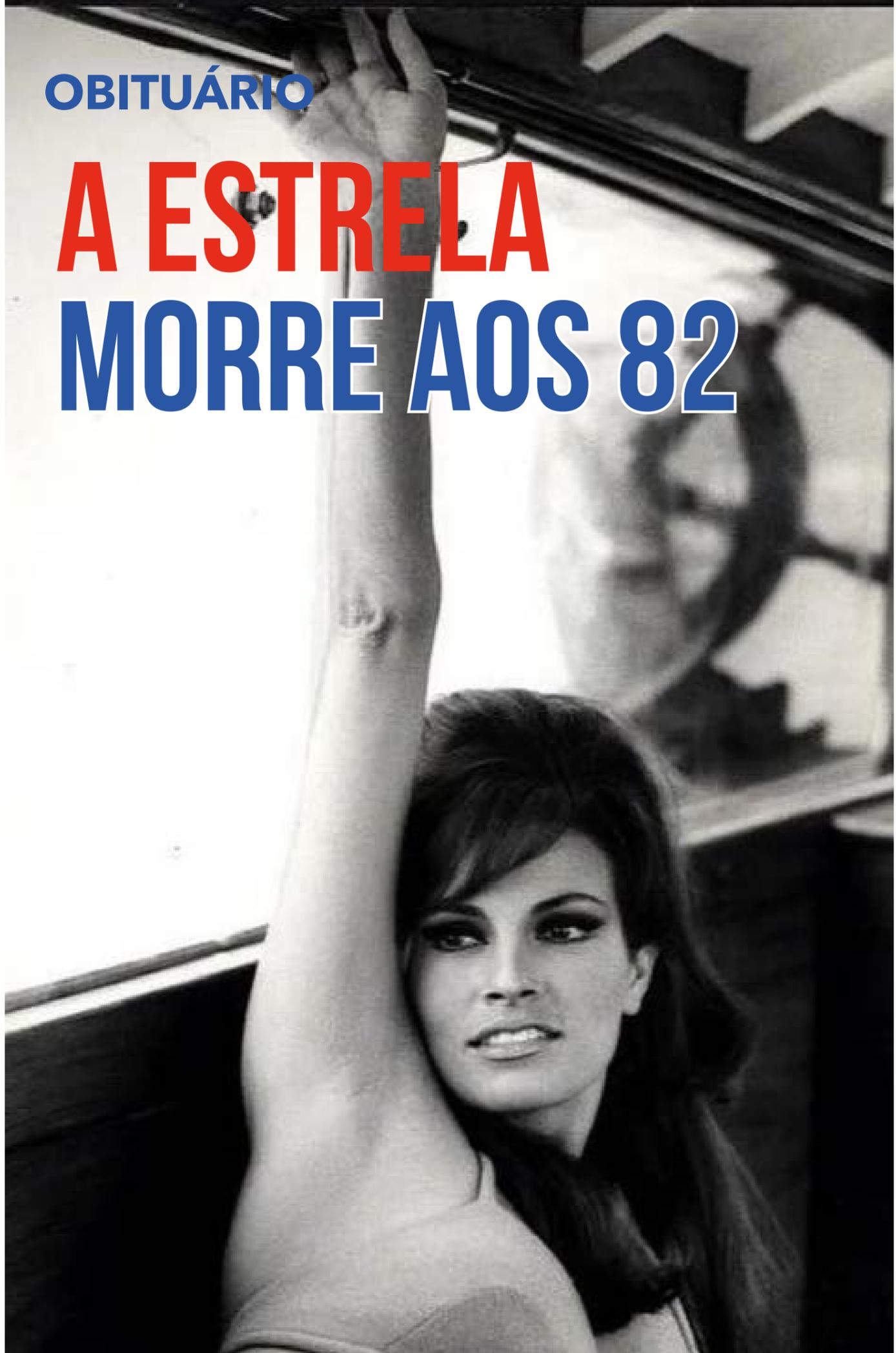
Ainda que o samba e a música sejam tão personagens quanto a biografada, “Andança” vale também como um registro curioso de como algo aí se perdeu na transição das filmadoras de VHS para as câmeras de vídeo de celular. Ainda que sejam gravações com algo de espontaneidade, feitas por Beth ou por seu motorista Carlos, em sua maioria, há nesses registros uma certa intenção narrativa mais alongada.

E é como se, ao flagrar uma cena, registrar um encontro, aquele que conduz a câmera já estivesse pensando em fazer parte de uma história maior. Em comparação com o que se faz hoje em dia com os celulares, em que pese a qualidade muito superior da imagem, a cena tem quase que se bastar sozinha para contar alguma coisa. ●

OBITUÁRIO

A ESTRELA MORRE AOS 82

Reprodução/AP



Ícone do cinema e símbolo sexual dos anos 60 e 70, Raquel Welch foi uma das mais belas atrizes do século 20

Uma das mais lindas mulheres do século 20, Raquel Welch, a atriz de cinema que se tornou o primeiro grande símbolo sexual americano nos anos 1960, morreu na quarta-feira, 15, em sua casa em Los Angeles. Ela tinha 82 anos. Sua morte foi confirmada por pelo filho Damon Welch. Nenhuma causa foi dada.

O sucesso de Raquel Welch em Hollywood começou com o filme "One Million Years BC" (1966), em

que a estrela surgia como uma mulher das cavernas da era do Pleistoceno, posando em uma paisagem rochosa pré-histórica, vestindo um biquíni esfarrapado de pele de corça. Ela tinha 26 anos. Fazia quatro anos desde que Marilyn Monroe tinha morrido, e a indústria precisava de uma deusa.

Camille Paglia, a implacável crítica feminista, descreveu a fotografia do pôster como “a imagem indelével de uma mulher como rainha da natureza”. Raquel Welch era “uma leoa - feroz, apaixonada e perigosa fisicamente”.

Quando a *Playboy*, em 1998, nomeou as 100 estrelas femininas mais sexies do século 20, Welch ficou em terceiro lugar, atrás de Marilyn Monroe e Jayne Mansfield. Brigitte Bardot foi a quarta. Sua beleza magnética e corpo de formas estonteantes provocaram paixões febris ao longo de três décadas. Raquel Welch foi uma estrela e ganhou um Globo de Ouro por seu papel na adaptação de Richard Lester, de 1973, de “Os Três Mosqueteiros”.

Apesar de uma carreira baseada em grande parte no apelo sexual, a atriz repetidamente se recusou a aparecer nua na tela. “Pessoalmente, sempre odiei me sentir tão exposta e vulnerável” em cenas de amor, escreveu em suas memórias, observando que mesmo quando surgiu em um filme de prestígio da Merchant Ivory (“The Wild Party”, 1975), os cineastas a pressionavam a fazer uma cena nua, sem sucesso.

Os críticos foram muitas vezes indelicados. Ao longo de sua carreira, a atriz foi publicamente admirada mais por sua anatomia do que por suas habilidades dramáticas. Ela até chamou seu livro de 2010, um livro de memórias e guia de autoajuda, “Além do decote”. “Eu definitivamente usei meu corpo e apelo sexual de forma vantajosa em meu trabalho, mas sempre dentro dos limites”, disse. Mas, acrescentou: “Reservo algumas coisas para minha vida privada e elas não estão à venda”.

Jo-Raquel Tejada nasceu em Chicago em 5 de setembro de 1940, a mais velha dos três filhos de Ar-

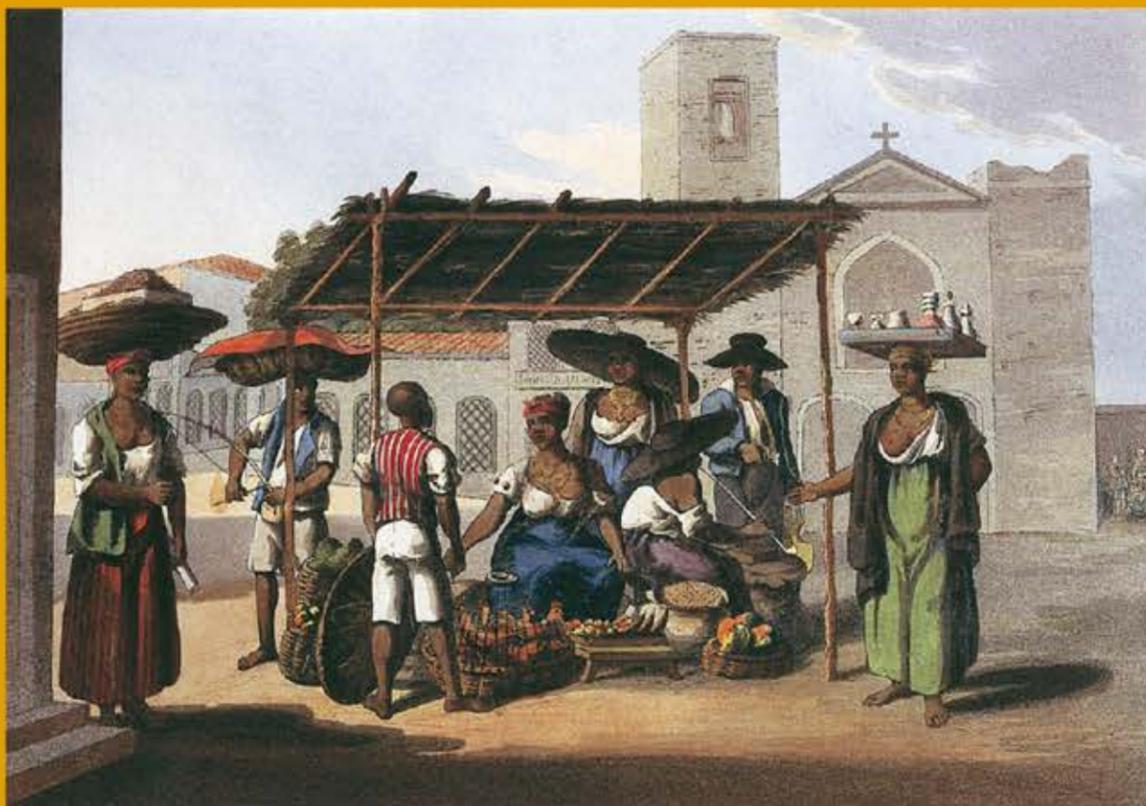
mando Carlos Tejada, engenheiro aeronáutico boliviano, e Josephine Sarah (Hall) Tejada, americana de ascendência inglesa. Eles se conheceram como estudantes na Universidade de Illinois. Quando Raquel tinha 2 anos, a família mudou-se para o sul da Califórnia para o trabalho de seu pai no esforço de guerra. •

História do povo brasileiro História do povo brasileiro História do povo brasileiro
História do povo brasileiro
do povo brasileiro
História do povo brasileiro História do povo brasileiro História do povo brasileiro

brasileiro História do **JOSELI NUNES MENDONÇA** *brasileiro*

Cenas da abolição

*Escravos e senhores no
Parlamento e na Justiça*



 **FUNDAÇÃO**
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/cenas-da-abolicao-escravos-e-senhores-no-parlamento-e-na-justica/

A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •
Fernando Haddad • Frei Betto
• Izabella Teixeira • João Manuel
Cardoso de Mello • Luis Nassif
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •
Marilena Chaui • Paulo Betti
• Rogério Cerqueira Leite •
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contra-o-fascismo/

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores